

2

A esperança cristã

Para iniciarmos a nossa pesquisa sobre *a esperança cristã*, é necessário, antes de tudo, compreender, num âmbito geral, o que vem a ser *esperança*. É importante, num primeiro momento, desvendar a sua essência e o seu conteúdo. Para tanto, nos propomos a discernir, neste capítulo, a esperança, desde a sua origem etimológica, perpassando pela sua incidência na história e na sociedade, na qual serão destacadas algumas correntes e pensamentos filosóficos para chegarmos enfim ao conceito teológico¹. Deslocaremos, então, nosso foco de atenção para os fundamentos bíblicos e teológicos que ela contém. Estes fundamentos serão necessários para o que pretendemos com o nosso trabalho posteriormente, no caso: *A esperança cristã em MOLTSMANN e a partir dele*. Certamente, veremos, neste capítulo que segue que o nosso estudo não abrangerá o todo desta questão, mas, com certeza, elucidaremos aquilo que para a nossa pesquisa se mostrou de maior relevância.

2.1.

O que entendemos por esperança

Em uma perspectiva geral, a definição mais simples que podemos encontrar para *esperança* é o ato de esperar o que se deseja. Notamos, a partir daqui, que se trata de um conceito dinâmico, algo de caráter propulsor. Esta palavra está relacionada com expectativa, ou também, com fé. Isso traz consigo a conjugação de um importante verbo, característico dela mesmo: *esperar*. Sua definição significa ter esperança, ficar ou estar à espera, supor, presumir, aguardar, ter fé, confiar, estar na expectativa. Na medida em que esta *espera* é

¹ Neste quesito apenas elucidaremos algumas linhas sobre as quais se debruça o termo esperança, principalmente, em âmbito geral, no pensamento grego antigo, na tradição judaico-cristã e na filosofia moderna. Nesta última apenas mencionaremos alguns aspectos relevantes como também alguns autores. Trata-se apenas de uma introdução para chegarmos ao conteúdo teológico.

aprofundada dentro do contexto esperança, categoricamente, presume-se, na maioria das vezes, em esperar por um bem².

Trazendo a definição para uma perspectiva teológica observamos que o tema da esperança constitui algo essencial para a fé cristã, pois se trata de uma das três virtudes teologais, ao lado da fé e da caridade (cf. 1Cor 13,13). Estas virtudes são chamadas teologais porque o ser humano não as adquire através do próprio esforço³, mas como resposta a uma força externa (graça), capaz de despertar nele uma busca de sentido, uma razão para a sua própria existência. Isso faz do ser humano um ser especial, pois na medida em que ele se sente envolvido pela graça divina, descobre em si mesmo uma abertura ao transcendente. Esta ação o direciona ao sentido último da vida (*éschaton*) e, a certeza que lhe é trazida pela fé só pode ser sustentada pela esperança. Ela é a chave para o futuro.

Dentro deste contexto, para Beloso,

a esperança se abre como horizonte da existência humana no momento presente. Por isso, comunica paz e segurança ao sujeito, porque lhe testemunha que há futuro para ele. A existência certa deste futuro permite que as pessoas aceitem e assumam, de maneira positiva, o presente em que vivem⁴.

Desta forma, ao procurar dar razões dessa sua esperança no futuro, o ser humano descobre que ele não é apenas passado e presente, mas, como atesta Leonardo Boff: “Ele é principalmente futuro. É projeto, prospecção, distensão para o amanhã”⁵. Isto tudo, dentro de uma perspectiva cristã, não se consegue por si só, mas por fruto e obra da graça, capaz de envolver a pessoa inteira. Sobre esta relação humano-divina, Mário A. Sanches confirma: “o ser humano sente que conhece e é conhecido pelo Absoluto, sente que envolve e é envolvido pelo Transcendente, sente, enfim, que é parte consciente dessa realidade Transcendente e Absoluta e, portanto, Eterna”⁶.

² Cf. tb. ESPERAR. In: LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 326-327. Um bom aprofundamento deste verbo (esperar) se torna importante pelo fato de que nos textos sagrados ele terá grandes e diferentes conotações, como demonstraremos a seguir. Neste aspecto sagrado, ele, o verbo esperar, realça a sua força e a sua posição diante da revelação de Deus na história e, fortalece o povo que caminha e espera o futuro de Deus. Demonstra, em geral, uma ação dinâmica, sempre em movimento.

³ Cf. SANTOS, M. F. *Dicionário de filosofia e ciências culturais*. v. IV. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966, p. 1408.

⁴ BELLOSO, J. M. R. Esperança. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 227.

⁵ BOFF, L. *Vida para além da morte*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 17.

⁶ SANCHES, M. A. *Bioética: ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 36.

Podemos dizer, então, que a relação entre o ser humano e a sua transcendência *desperta* em seu interior *uma expectativa superior em relação à própria vida*. É o desejo de algo mais, que denominamos, por fim, de esperança. Logo, é certo afirmarmos que, esperança “é a expectativa de algo superior e perfeito”⁷. Assim, a pessoa que a tem “aguarda algo de maior, de melhor, de mais perfeito, que venha a suceder”⁸. Isso já demonstra a sua relação com o futuro, com o *éschaton*, o que faz da sua fundamentação algo de grande importância para a escatologia atual⁹. Por esta razão, é válido ressaltarmos que:

A esperança não é produto de nossa vontade, mas de uma espontaneidade, cujas raízes nos escapam, porque ela não é genuinamente uma manifestação do homem,

⁷ SANTOS, M. F. Op. cit., p. 1408.

⁸ Ibid.

⁹ A escatologia cristã não é mais entendida hoje apenas como um discurso antecipador, referindo-se somente aos *novíssimos*. Trata-se de um discurso *performativo*, ou seja, implica-se na realidade histórica de maneira a transformá-la. A atenção não se concentra mais nas *coisas últimas* e, sim, no *último*, no futuro absoluto, no *éschaton*. Como atesta Von Balthasar, em Cristo, “personificação das coisas últimas”. Assim, *Cristo é o sentido último da história*, o que vai fazer da escatologia uma articulação também cristológica, pois Jesus Cristo é o sujeito da esperança; ou ainda, o ressuscitado é a *nossa esperança* (cf. Cl 1,27). Para MOLTSMANN, o autor que iremos trabalhar posteriormente, a escatologia cristã fala de Cristo e de seu futuro. Logo, ele é o fundamento de todo enunciado escatológico. Para compreendermos então a esperança em toda a sua dimensão antropológica, teológica e filosófica a escatologia afundará as suas raízes no ser humano, portador da revelação de Deus, portador da esperança. Cf. TAMAYO, J-J. Escatologia cristã. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 223. Além das obras de MOLTSMANN que tratam desta questão específica e irão aparecer no decorrer do trabalho, destacamos aqui outras obras e autores, que tivemos acesso, que tratam da *Escatologia no contexto atual*: BARBAGLIO, G.; DIANICH, S. *Nuovo dizionario di teologia*. Milano: Paoline, 1985, p. 382-411. NOCKE, F-J. Escatologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*. v. II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. VORGRIMLER, H. Escatologia/juízo. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã*. O Novo Céu e a Nova Terra. Petrópolis: Vozes, 1985. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, especialmente, p. 498-516. Id. O morrer cristão. In: *Mysterium salutis*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 233-259. RATZINGER, J. *Escatologia: La muerte y la vida eterna*. Barcelona: Herder, 1984. LEPARGNEUR, H. *Esperança e escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974. BLANK, R. *Escatologia do mundo*. O projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001. Id. *Escatologia da pessoa*. Vida, morte e ressurreição. São Paulo: Paulus, 2000. BOFF, L. *Vida para além da morte*. Op. cit. Id. *A nossa ressurreição na morte*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Id. *O destino do homem e do mundo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. KEHL, M. *Escatología*. Salamanca: Sígueme, 1992. Id. *O que vem depois do fim?* Sobre o ocaso do mundo, consumação, renascimento e ressurreição. São Paulo: Loyola, 2001. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. v. IV. Petrópolis: Vozes, 1977. Id. *Le ultime relalità*. Paoline, [?]. BOFF, Lina. A fé na comunhão dos santos. *Atualidade teológica*, ano VIII, n. 16, jan./abr., Rio de Janeiro, 2004, p. 25-47. Id. Da Protologia à Escatologia. In: MÜLLER, I. (Org.). *Perspectivas para uma nova teologia da criação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 111-129. Id. Índole escatológica da igreja peregrinante. *Atualidade teológica*, ano VII, n. 13, jan./abr., Rio de Janeiro, 2003, p. 9-31. TORNOS, A. *Escatologia I*. Madrid: UPCO, 1991. Id. *Escatologia II*. Madrid: UPCO, 1991. ALTOBELLI, R.; PRIVITERA, S. *Speranza umana e speranza escatológica*. Turin: San Paolo, 2004. LA PEÑA, J. L. R. *La pascua de la creacion*. 3. ed. Madrid: B.A.C., 2000. Id. *La otra dimension: Escatología cristiana*. 3. ed. Santander: Sal Terrae, 1986. Algumas destas obras poderão aparecer no decorrer de nosso trabalho de maneira mais precisa.

porque não encontramos na estrutura da nossa vida biológica, nem da nossa vida intelectual, uma razão que a explique¹⁰.

Falar de esperança é falar da força positiva que nos faz caminhar rumo a um horizonte, onde apenas a alegria de estar caminhando já é de certa forma, transformadora da realidade. É uma força que transcende toda e qualquer experiência humana; é uma expectativa que aspira algo supremo, intocável, infinito. Por esta razão, torna-se difícil descrevê-la, antes é preciso se deixar envolver por ela, pois apenas a esperança nos faz desfrutar, *já* no presente, um *kairós* vivificante e anunciador de um *ainda não* futuro. Por isso, as promessas (passado), se transformam em prelúdios futuros, nos quais *já* é vislumbrado, mesmo que precocemente, um *ainda não* (futuro), mas que preconiza, por assim dizer, um eterno presente.

Muitas são as definições atribuídas à esperança e estas se apresentam mediante traços culturais, sociais, filosóficos, psicológicos e religiosos. É uma força que leva o ser humano para além de si mesmo, que destina a história para além da história, que propicia uma transformação, um anseio por mudança.

Por certo, ao procurarmos uma resposta concreta para aquilo que entendemos por esperança, propomo-nos, pois, defini-la a partir de alguns aspectos relevantes, no intuito de fundamentar sistematicamente o nosso estudo. Para tanto, faz-se necessário conceituá-la de diferentes modos, a ponto de confrontar as definições, ao mesmo tempo em que fazemos um resgate histórico-filosófico de sua origem, linguagem e influência na história.

2.1.1.

Noções gerais de esperança

Na sua etimologia latina, esperança vem de *spes*, também compreendida pelo verbo esperar: *sperare*. Significa: “espera aberta; que não versa sobre resultados externos (como a expectativa), mas sobre a realização do ser pessoal (ou sobre uma mudança radical da condição humana)”¹¹. De uma maneira

¹⁰ SANTOS, M. F. Op. cit., p. 1408.

¹¹ RUSS, J. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994, p. 89.

genérica pode abranger “toda a tendência para um bem futuro e possível, mas incerto”¹².

Diante de um quadro psicológico, esperança é a “tensão própria de quem se sente privado de um bem ardentemente desejado, mas que julga poder alcançar por si mesmo ou por outrem”¹³. Desse modo, ela apresenta alguns elementos constitutivos, como por exemplo: desejo de um bem e confiança na sua futura aquisição¹⁴. Podemos dizer, então, que, apenas ao ser humano é dada a condição de esperar, devido a sua dimensão de transcendência. “Porque só ele, como ser finito e inteligente que é, jamais se acomoda à sua finitude e dela constantemente forceja por se libertar”¹⁵.

Esta esperança humana se afirma sob a ação da vontade, como virtude que mantém intacta, através das contingências e vicissitudes da vida, a capacidade de sempre poder esperar, mesmo contra toda a desesperança¹⁶. Como afirma o filósofo Marcel: “ela é a mola secreta de um homem itinerante”¹⁷. Talvez por isso desperta no olhar humano esta abertura transcendental, capaz de desvendar o horizonte e projetar para ele a sua vida. É um impulso positivo.

2.1.2.

A esperança no pensamento grego

O termo esperança, em grego, *elpis*, designava a atitude de quem espera ou aguarda qualquer acontecimento, alegre ou triste, feliz ou infeliz¹⁸. Pode aparecer também através dos termos *elpizen* e *elpidso*, que significam expectativa, esperar. Algumas vezes, a esperança é considerada como vã e ilusória, já o poeta grego Teógnis (VI a.C.) a considerava como uma divindade amiga, sendo a única consolação¹⁹. Outro filósofo, Heráclito (540-470 a.C.), afirmava que: “sem a esperança não se encontrará o inesperado, que é incontestável e inacessível”²⁰.

¹² CABRAL, R. (Dir.). *Logos. Enciclopédia Luso-brasileira de filosofia*. V 2. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1990, p. 227.

¹³ Ibid.

¹⁴ Cf. Ibid.

¹⁵ Ibid., p. 228.

¹⁶ Cf. Ibid., p. 229.

¹⁷ RUSS, J. Op. cit., p. 89.

¹⁸ Cf. CABRAL, R. Op. cit., p. 229.

¹⁹ Cf. Ibid.

²⁰ RUSS, J. Op. cit., p. 89.

Os gregos reconheciam a esperança, mas se preveniam contra a sua insegurança. Para eles, o ser humano se faz dono do futuro não através da esperança, mas por julgar o presente e, em consequência, agir²¹.

Na linguagem clássica, o termo *elpis*, tinha um significado ambíguo: poderia se tratar da boa ou má esperança. Em alguns meios culturais assumia um sentido negativo, algo pouco motivado, uma espera vã e presumida. Isto, sobretudo no estoicismo²², onde a *apatheia*²³ deve superar a esperança, que aparece como incerta.

Porém, existiam tendências mais otimistas, principalmente na tradição platônica, mas mesmo assim, aparecia como uma orientação racional. Somente com Sófocles (496-405 a.C.) a idéia de confiança se uniu à de previsão. A partir daí, como espera motivada, *elpis* dizia respeito a coisas futuras, tanto infaustas como felizes. Esta idéia de futuro era tematizada por Platão (428/27-347 a.C.), sobretudo em *Filebo* (diálogo de cunho ético) e, depois com Aristóteles (384-322 a.C.), aparecendo mais nos escritos retóricos que nos metafísicos²⁴. Neles, a esperança é reconhecida como estrutura fundamental da existência humana²⁵.

²¹ Cf. HOFFMANN, P. Esperança. In: FRIES, H. (Dir.). *Dicionário de teologia. Conceitos fundamentais da teologia atual*. São Paulo: Loyola, 1970, p. 82. Baseado em: Píndaro, *Nem*, 11,46.

²² *Estoicismo*: Podemos apresentar esta definição em duas partes:

1) *O estoicismo clássico*: afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um *logos* divino (noção que tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Este *logos* (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele, graças a ele o mundo é um *kósmos* (termo que em grego significa *harmonia* ou *ordem*). A partir disso surge como consequência ética o fato de *viver conforme a natureza*: sendo a natureza essencialmente o *logos*, essa máxima é prescrição para se viver de acordo com a razão. Sendo a razão aquilo por meio do que o ser humano torna-se livre e feliz, o ser humano sábio não apreende o seu verdadeiro bem nos objetos externos, mas usando bem estes objetos através de uma sabedoria pela qual não se deixa escravizar pelas paixões e pelas coisas externas. A última época do estoicismo, ou período romano, caracteriza-se pela sua tendência prática e religiosa.

2) *A relação do estoicismo com os Padres da Igreja*: A influência estoica no período da Patrística (séc. I-VIII d.C.) diz respeito à terminologia, transferida para o pensamento cristão. Assim, os conceitos podem ser adaptados e expressar verdades cristãs, que às vezes são acolhidos e inseridos no tecido da doutrina cristã. Outras vezes, aparece como orientação espiritual e o otimismo estoico. Para estas e outras maiores informações sobre o estoicismo e a sua relação com o cristianismo durante a Patrística, consultar: ESTOICISMO E OS PADRES. In: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, São Paulo: Vozes, Paulus, 2002, p. 515-517.

²³ *Apatheia*: Pronunciada claramente por Platão em Fédon, 82c, onde o filósofo é apresentado como totalmente livre dos prazeres do corpo e indiferente aos males da vida, sem os males das paixões, considerados como impulsos irracionais e não-naturais da alma. Tornou-se o ideal ético supremo no estoicismo mais antigo, o de Zenão, Cleantes e Crisipo. Pela influência platônica este termo irá aparecer no período patrístico, referindo-se a Deus, a alma, a morte, etc. Cf. *Ibid.*, p. 125.

²⁴ Cf. ESPERANÇA. In: *Ibid.*, p. 501-502.

²⁵ Cf. CABRAL, R. *Op. cit.*, p. 229.

Platão, no *Fédon*, traz uma sólida e comovida argumentação em favor da *grande e bela* esperança, porém relacionada depois da morte. Neste caso é ressaltada a importância da sobrevivência da alma. Ele também resgata o valor etimológico da palavra *elpis* como desejo²⁶. A atitude de Platão diante da morte é uma atitude de esperança²⁷. Na tradição platônica, *elpis* pode também significar a espera da vida no além. Surge, agora, uma relação com o Belo e com o Bem, através da qual a esperança (*elpis*) alcança o seu cumprimento máximo²⁸.

No pensamento grego, a sua distinção enquanto memória se refere ao passado e a sensação vê o presente; deste modo, a esperança concerne ao futuro.

2.1.3.

A esperança na cultura judaico-cristã

A certeza de um futuro pleno e feliz, caracterizado pela esperança, só encontramos, de fato, com a tradição judaico-cristã. Nela, a esperança aparece como o fim das tensões que trabalham o coração humano e encaminha à posse gratuita do próprio Deus²⁹. Aparece no ato de esperar (*spes qua*), que se funda no objeto da esperança (*spes quae*) e, que aqui, é o próprio Deus³⁰.

Dentro deste universo a esperança se alimenta da tradição judaica e dos feitos de Deus. Esta concepção, sem dúvida, permeia também o cristianismo que se vê envolto por esta convicção de um Deus que sempre está ao lado dos seus. Fato caracterizado pelas promessas, ponto forte da esperança que exploraremos mais adiante. No entanto, no caminhar para a história moderna, por muitas vezes, esta esperança judaico-cristã se viu as margens de utopias sociais e políticas, que surgiram tanto de um ponto de vista positivo quanto também negativo. Um exemplo desta relação se confronta com o ateísmo europeu³¹.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 230.

²⁷ Cf. PIEPER, J. Esperança. In: FRIES, H. Op. cit., p. 83.

²⁸ Cf. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, p. 502. Para maiores informações sobre o PLATONISMO, consultar este verbete neste dicionário.

²⁹ Cf. CABRAL, R. Op. cit., p. 230.

³⁰ Cf. *Ibid.*

³¹ Cf. CAFFARENA, J. G. Ateísmo. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 32-39. Cf. tb. ROLFES, H. Ateísmo/Teísmo. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 24-32. Cf. tb. FRAIJÓ, M. *Fragmentos de esperança*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 159-221. Cf. tb. BLOCH, E. *Ateísmo nel cristianesimo*: Per la religione dell'Esodo e del Regno. Milano: Feltrinelli, 1971.

Neste mesmo aspecto – mais racionalista – aparecerá dentro do universo filosófico europeu, principalmente em seu contexto moderno.

2.1.4.

A esperança na filosofia moderna

Na filosofia moderna, por estar centrada na exploração da subjetividade, o tema da esperança não desperta tanto interesse, sendo lançado, geralmente, para as reflexões relacionadas às paixões ou emoções³².

Em conseqüência do pleno domínio racionalista, a fé cristã viu-se pouco a pouco amputada diante dos grandes objetivos da sua dimensão escatológica, a ponto de a *spes quae* (esperança fundamentada em Deus) ficar totalmente reduzida ao *spes qua* (simples ato de esperar). Assim, a esperança secular alimenta as mais recentes expressões de utopia e messianismo temporal³³. Surge a partir daí a *crítica da religião*³⁴.

Desta maneira, a dimensão utópica do marxismo passa a absorver elementos escatológicos da tradição cristã e procura redirecioná-los. Isto fica evidente na filosofia de Ernst Bloch, com a sua obra *Princípio Esperança, Das Prinzip Hoffnung*, publicada em 1954³⁵. Sobre ela MOLTSMANN, autor cujo tema

³² Isto aparece em alguns tratados filosóficos modernos. Cf. RUSS, J. Op. cit., p. 231. Ver também a obra de Abbagnano, que lança o termo esperança no capítulo das emoções, sem qualquer referência ou maior relevância: ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 354.

³³ Cf. CABRAL, R. Op. cit., p. 231. Maiores definições sobre *utopia* e *messianismo temporal* podem ser encontrados como verbetes neste mesmo dicionário.

³⁴ A crítica da religião não é objeto de nossa pesquisa, portanto não avançaremos nesta questão. Maiores informações a este respeito podem ser encontradas nas seguintes obras: GIMBERNAT, J. A. *Religião (crítica da)*. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 684-688. cf. tb. SCHWAGER, R. *Crítica ideológica da religião*. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 139-144. Cf. tb. ALVES, R. *O que é religião*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Cf. tb. MONDIN, B. *Quem é Deus?: Elementos de teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 80-176.

³⁵ Cf. CABRAL, R. Op. cit., p. 231. Destacamos aqui o filósofo Ernst Bloch, pois nosso objetivo para este trabalho, a partir do próximo capítulo, é descrever a esperança, neste caso, esperança cristã em MOLTSMANN e a partir dele. Na sua obra *Teologia da Esperança (Theologie der Hoffnung)* ele obteve de Bloch sua influência filosófica. O fato de decidirmos tratar com destaque especial neste momento este autor e filósofo não significa afirmar que foi apenas ele que influenciou MOLTSMANN em sua carreira teológica. Afirmar isto é desrespeitar o autor, como alerta Érico João Hammes ao dizer, por exemplo, que em *O Deus Crucificado (Der gekreuzigte Gott)* ele se serve da dialética negativa e da teoria crítica de Th. Adorno e M. Horkheimer. Já em *O caminho de Jesus Cristo (Der Weg Jesu Christi)* volta em parte a Bloch, mas recorre mais a M. Buber e W. Benjamin. Segundo Hammes o comum é *a influência permanente da tradição judaica e só assim é possível ler MOLTSMANN como um todo*. Cf. HAMMES, E. J. A cristologia escatológica de J. Moltmann. *Teo comunicação*, Porto Alegre, v. 30, n. 130, p. 605-634, Dez.

esperança queremos desvendar escreve: “A filosofia da esperança de Ernst Bloch quer ser, em seu ápice, uma ‘meta religião’, isto é, ‘religião como legado’. Ele pensa poder demonstrar que o substrato hereditário próprio de todas as religiões é a ‘esperança em totalidade’”³⁶. Portanto, na leitura que MOLTSMANN faz de Bloch ele afirma: “quem quiser ser herdeiro da religião, sobretudo do cristianismo, deve tornar-se herdeiro de sua esperança escatológica”³⁷.

Cabral também destaca que, Bloch define a esperança como “uma consciência antecipativa do *Ainda-Não-ser* nas dimensões correspondentes do *Ainda-Não-consciente* do homem e do *Ainda-Não-realizado* na natureza”³⁸. Esta expressão *Ainda-Não* demonstra um caminhar da esperança que está orientada para o futuro, como algo a se confirmar. Para ele, o seu objetivo é o ser utópico, suprimindo a alienação entre o sujeito e o objeto, a existência e o mundo, a natureza e o ser humano. Numa perspectiva não-religiosa ele transforma a esperança bíblica do Reino de Deus na idéia de uma futura divinização humana, chamada a transformar este mundo numa nova terra de promessa³⁹.

Porém, dentro da filosofia moderna, alguns autores cristãos também se dedicam ao tema da esperança, dentre eles: Le Senne, T. de Chardin, J. Pieper, G. Marcel; evidentemente, aqui representados num contexto europeu⁴⁰. Eles

2000, espec. p. 610. No entanto, devido a sua importância ao refletir a esperança dentro da filosofia moderna gostaríamos de mencionar aqui outras obras de Bloch e sobre Bloch que merecem destaque: 1) *Do autor*: BLOCH, E. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1959. Id. *Ateísmo nel cristianesimo*. Op. cit. Id. *Derecho natural y dignidade humana*. Madrid: Aguilar, 1980. 2) *Sobre Bloch*: FRAIJÓ, M. *Fragmentos de esperança*. Op. cit. Cf. tb. GÓMEZ-HERAS, J. M. G. *Sociedad y utopía en Ernst Bloch: Presupuestos ontológicos y antropológicos para una filosofía social*. Salamanca: Sígueme, 1977. cf. tb. MUNSTER, A. *Ernst Bloch: Filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Unesp, 1993. Cf. tb. FURTER, P. *Dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

³⁶ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 3. ed. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005, p. 423. Título Original: *Theologie der Hoffnung*. Esta obra será o nosso ponto de apoio quando confrontarmos estas perspectivas levantadas sobre a esperança com a sua teologia.

³⁷ *Ibid.*, p. 424.

³⁸ CABRAL, R. Op. cit., p. 231. Grifos do autor.

³⁹ Cf. *Ibid.*

⁴⁰ Cf. *Ibid.* Para uma referência latino-americana citamos como exemplo a obra de Libânio: LIBÂNIO, J. B. *Utopia e esperança cristã*. São Paulo: Loyola, 1989. Isso sem contar com os inúmeros escritos proporcionados pela Teologia da Libertação, que são, de fato, obras que tratam de esperança. Segundo o autor Manuel Fraijó “a teologia da libertação é, provavelmente, aquela que mais entende de esperança. Toda ela é uma teologia da esperança”. FRAIJÓ, M. Op. cit., p. 16. Dentro desses escritos achamos importante destacar uma obra clássica da teologia latino-americana, que a partir de suas perspectivas impulsionou um novo jeito de se fazer teologia: GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000. Título original: *Teología de la liberación. Perspectivas*. Num contexto mais contemporâneo destacamos a obra que resultou do Fórum Mundial de Teologia da Libertação, que discutiu a partir de posições

procuram trabalhar a questão antropológica da humanidade que espera. “Para o homem que espera, a realidade é uma fonte inesgotável de imprevisíveis possibilidades, capaz de responder a todas as solicitações de um coração generoso e confiante”⁴¹.

A esperança, sob este ponto de vista, é conceituada por eles como um apelo da criatura à plenitude dadivosa do Ser Infinito, atribuído como Criador, através do qual ela reconhece dever ser aquilo que se é. Pelo fato de esperar, o ser humano descobre que o fundamento de toda a realidade na qual está inserido-a resulta de um Tu Absoluto, onde pelo diálogo, sua esperança se transforma em profunda atitude religiosa⁴².

Tudo isso, só pôde resultar, como conseqüência, uma influência direta na teologia, principalmente na segunda metade do século XX, com o surgimento de importantes teólogos-as, tanto do lado católico quanto do lado protestante, que se debruçaram sobre o tema da esperança. Destes-as destacamos Jürgen MOLTSMANN, que, posteriormente, será objeto de nosso estudo neste trabalho. Por ora, será importante abordarmos aspectos relevantes da esperança cristã tendo em vista a partir de então o conceito teológico que dela provém.

2.2.

O que entendemos por esperança cristã

Falar de esperança, sobretudo de esperança cristã, é dizer o lugar que ocupa o *porvir* da vida religiosa do Povo de Deus, o *porvir* da sua felicidade. Para isso, as promessas de Deus revelam pouco a pouco o esplendor desse *porvir*. Isto fica explícito ao citarmos um clássico autor cristão do período da escolástica⁴³, Pedro Lombardo:

A esperança [...] é aquela virtude, graças à qual se esperam os bens espirituais e eternos. É, portanto, a espera certa da futura felicidade, que provém da *graça* de Deus e dos *méritos*, que ou precederam a esta esperança – o amor precede-lhe na

destacadas no Fórum Mundial Social de 2005, com o *slogan*: “Outro mundo é possível”: SUSIN, L. C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁴¹ CABRAL, R. Op. cit., p. 232.

⁴² Cf. Ibid.

⁴³ Linha de pensamento dentro da filosofia medieval que é valiosa pelos inúmeros acentos cristãos proporcionados. O seu período vai do século IX até o final do século XVI da era cristã.

ordem da natureza [não do tempo] – ou à realidade esperada, a saber, à felicidade eterna⁴⁴.

Pedro Lombardo resgata em Paulo, que trata a esperança como virtude, condicionando-a como uma *espera certa*. Para ele isto é obra da graça de Deus, que culmina na felicidade eterna. Esta *certeza* de que ele trata aqui será por nós retratada posteriormente, colocando esta *espera certa e confiante* como uma das características marcantes da esperança cristã, que nos é proporcionada mediante a fé na ressurreição. É a fé que garante esta realidade esperada e as exigências que isto implica. A esperança cristã mantém a *paciência* e a *fidelidade* para com Deus, cuja expressão maior segundo o NT é o *amor*⁴⁵, sendo ele no sentido mais sublime, o amor *ágape*⁴⁶.

Para Ruiz de la Peña, importante teólogo católico atual, a esperança cristã se posiciona no futuro e é uma convicção firme de quem crê. Esta convicção é garantida pela palavra de Deus que contém uma *promessa* capaz de garantir ao ser humano um futuro absoluto e pleno. Este futuro não é uma projeção das frustrações humanas, mas uma garantia divina sob o desígnio salvífico de Deus⁴⁷.

Diante de um quadro geral, a esperança cristã, encontrará um fundamento teológico único: Jesus Cristo. É sobre Ele que se desdobra toda uma *Teologia da Esperança*, que se desenvolve desde o início do Cristianismo com Paulo, percorrendo períodos como a Patrística e a Escolástica até chegar ao que queremos refletir hoje com MOLTSMANN. O percurso que propomos neste momento, para objeto de nosso estudo, tratará por distinguir inicialmente a esperança vista no AT e no NT⁴⁸. Isto nos servirá de base para fundamentação da esperança cristã e, posteriormente, desenvolveremos um trabalho com os escritos de Paulo, que foi o primeiro teólogo da esperança. Este é um estudo bastante denso, portanto, limitaremos apenas aqueles pontos que para nós se demonstraram relevantes. Após debruçarmos sobre estes estudos estaremos aptos para iniciar o nosso estudo teológico sobre *a esperança cristã em MOLTSMANN*.

⁴⁴ PEDRO LOMBARDO. (Sent. III 26,1). Apud: ENGELHARDT, P. Esperança. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 239. Grifos do autor.

⁴⁵ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de teología bíblica*. Barcelona: Herder, 1965, p. 251.

⁴⁶ Vale destacarmos também a importante Encíclica de SS. BENTO XVI sobre o amor. BENTO XVI. *Deus é amor*. São Paulo: Paulinas, 2005. Título original: *Deus caritas est*. Este amor *ágape* voltará posteriormente na teologia de MOLTSMANN.

⁴⁷ LA PEÑA, J. L. R. *La otra dimensión: Escatología cristiana*, p. 23.

⁴⁸ Utilizaremos a partir de agora as siglas AT para Antigo Testamento e NT para Novo Testamento.

2.2.1.

Fundamentos bíblicos e teológicos do Antigo Testamento

Em todo o conteúdo do AT “se respira uma atmosfera de esperança”⁴⁹. Contudo, no hebraico não parece haver uma palavra que corresponda exatamente a ela. As palavras que mais frequentemente expressam esta esperança são: *qawah* (esperar) e *batah* (confiar ou ter confiança)⁵⁰. Também surge sob o conceito de *tiqwah*, sempre na expectativa de *um bem futuro*, ao contrário do termo grego *elpis*, que poderia significar a expectativa tanto de um bem como de um mal⁵¹.

No hebraico, retratada no AT, a esperança terá um papel decisivo tanto para o povo de Israel quanto para o indivíduo que a tem, porque neste caso, para esse povo, a religião está fundamentada numa ótica de promessas. É uma espécie de confiança na proteção e na benção de Javé, como cumprimento das promessas da Aliança⁵². Nesse sentido bíblico sua dimensão é teológica, pois caracteriza a expectativa de um bem que foi prometido por Deus⁵³. Também representa algo dinâmico, em movimento, caracterizado pelo ato de *esperar*⁵⁴. Aqui, os feitos passados de Javé são motivos de esperança (cf. Gn 15,7). Eles dão confiança em seu poder de cumprir as promessas (cf. Gn 17,8; Ex 3,8.17; 6,4; Dt 1,8). Sua fidelidade é garantida por seu amor pactual⁵⁵.

Para uma melhor compreensão deste estudo optamos por especificar os fundamentos etimológicos desta esperança, que como veremos a seguir se expressa num campo rico e variável. Esta estruturação nos auxiliará para compreender o modo como esta esperança é apresentada para o povo e para o indivíduo de Israel.

⁴⁹ MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 301.

⁵⁰ Cf. Ibid.

⁵¹ Cf. ESPERANÇA. In: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 476-478. Ver também: HOFFMANN, P. Op. cit., p. 82.

⁵² Cf. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 476-478.

⁵³ Cf. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1997, p. 246-249.

⁵⁴ Cf. Ibid.

⁵⁵ Cf. MACKENZIE, J. L. Op. cit., p. 301.

2.2.1.1.

Fundamentos etimológicos

Para caracterizarmos os sentidos em que é aplicado o conteúdo da palavra esperança no AT, devemos partir da sua origem etimológica, para o qual, torna-se necessário um levantamento de suas bases. Destacamos, inicialmente, que em hebraico a palavra esperança aparece por várias raízes: *qwh* (estar tenso, ansear, esperar); *jhl* (aguardar, esperar); *hkh* (estar sossegado); *sbr* (espreitar, esperar). Paralelamente: *bth* (confiar) e *hsh* (procurar refúgio, ocultar-se). Portanto, de início percebemos que, o conceito de esperança contém na sua raiz hebraica as características de *esperar*, *confiar* e *perseverar*⁵⁶.

Desta maneira, a esperança surgirá no AT com base num amplo campo significativo e terminológico: *batah* (confiar, sentir-se seguro); *garah* (estar em tensão, perseverar); *yahal* (aguardar, esperar); *hasah* (buscar amparo, refugiar-se); *hakah* (esperar com); *sabar* (confiar, crer, esperar); *aman* (estar firme e consolado, crer, confiar, esperar). Assim, Israel espera de *Iahweh*: benção, misericórdia, auxílio, juízo justo, perdão, salvação. Ao mesmo tempo em que se liberte da falsa esperança, feita pela própria ação humana: falsos ídolos, riqueza, má prática religiosa, poder⁵⁷.

Porém, é factível notarmos que no AT a esperança desempenha um papel menos saliente que no NT. No entanto, isto nos servirá de fundamento futuro ao tratarmos da esperança no NT, quando será proposta uma *re-leitura* das promessas feitas por Deus ao seu povo, representadas por uma experiência própria, capaz de exprimir em palavras inúmeros sentidos. Mas, no momento voltemos o nosso olhar para o hebraico, vejamos: quando é representada mediante a raiz *qwh*, notamos que esta será a mais usada para exprimir o sentido de esperar ou aguardar alguém ou alguma coisa. Algo que ainda não aconteceu naturalmente. Neste caso, muitas vezes, é o próprio Javé o objeto desta esperança (cf. Sl 25,3,5.21; 27,14; Is 8,17; Jr 14,22, etc). Também quando é empregado o substantivo *miqweh* (cf. Jr 14,8; 17,13; 50,7; Cr 29,15; Esd 10,2). Outro substantivo que apresenta a mesma raiz é *tiqwah* (freqüente em Jó, Provérbios e Siracida). Relaciona-se com

⁵⁶ Cf. HOFFMANN, P. Op. cit., p. 82.

⁵⁷ Cf. *Sacramentum mundi*. Enciclopédia teológica. t. II. Barcelona: Herder, 1972, p. 794.

felicidade, alegria de viver. Nas expressões *qiweh* e *tiqwah*, referem-se a coisas que Deus dá nesta vida e que os justos esperam somente Dele⁵⁸.

Outra palavra pouco usada é *haka* (cf. Is 8,17; 30,18; Dn 12,12; Sl 33,20; 106,13). Significa a espera de um acontecimento com referência a Deus, aquilo que Deus faz. Também, *sabar*, quando se espera alguma coisa de alguém (cf. Sl 104,27; 119,116)⁵⁹.

Quanto à linguagem religiosa se usa *yahal* (substantivo: *tohelet*), usado com referência a Javé, destacando sua graça, seus juízos, sua palavra (cf. Sl 33,18; 119,43.74.81.114.147; 130,5). Há também um verbo estético que exprime um estado de alma *batah*, que como visto acima significa ter segurança, esperar com segurança. O verbo *hasah*, também já mencionado, atende por buscar refúgio, pôr-se a salvo (cf. Sl 2,12; 5,12; 7,2; 11,1; 16,1; 17,7). Num uso freqüente: *mahaseh*, que versa sobre refúgio e fortaleza, atende sobre o sentido de que Deus salva os-as seus-uas que se refugiam junto Dele (cf. Sl 7,2; 17,7). *Aman* e *batah* situam-se sempre na esfera da fé⁶⁰.

Na tradução do AT, principalmente na Septuaginta, caracterizou-se esperança sob o termo confiança, num intuito de agarrar-se à fidelidade de Javé. Num contexto final, confirmamos que no hebraico a pessoa portadora da esperança, ou seja, que espera, submete-se pela fé a misteriosa vontade divina na sua totalidade⁶¹.

Em síntese, etimologicamente, no AT esperança se caracteriza em esperar, perseverar e confiar. Certos de que no NT, mesmo sendo escrito em grego, a abordagem será dentro desta perspectiva, o nosso conceito de esperança extraído daqui, portanto, é este: *esperar, confiar e perseverar*.

2.2.1.2.

A esperança para o Povo de Israel

Pode ser caracterizada pela *esperança das bênçãos de Javé*, a qual tem o seu início marcado pela história das promessas feitas por Deus a Abraão⁶². Dentro

⁵⁸ Cf. BAURER, J. B. *dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Loyola, 1973, p. 360-361.

⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 361.

⁶⁰ Cf. *Ibid.*

⁶¹ Cf. *Ibid.*

⁶² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Op. cit.*, p.251-255.

desta história característica do povo de Israel a esperança passará por alguns estágios: Até Canaã o objetivo era a terra prometida (cf. Gn 15,7; 17,8; Ex 3,8; 6,4; Dt 1,8). Também será vista pela expectativa do *Dia de Javé*⁶³, no qual esperavam a libertação definitiva de todo o mal e início de uma nova era de felicidade e prosperidade (salvação)⁶⁴.

Deste modo, os profetas condenaram esta tal esperança como temerária, pois Israel, pelos seus pecados, não recebera a benção de Javé, mas a maldição. Os profetas ameaçavam o povo com a punição divina, contudo, não deixavam de alimentar a esperança na restauração de uma *parte* deste, que não se perverteu, sendo chamada de *Remanescentes de Israel*⁶⁵. Nesta perspectiva anuncia o profeta Isaías: “Naquele dia, o Senhor tornará a estender a sua mão para resgatar o resto do seu povo” (Is 11,11).

Quando isto aconteceu, de fato, a esperança na salvação chegou a seu ponto alto nos relatos proféticos, sobretudo com Jeremias (cf. Jr 31,31-34; 32,38s), Ezequiel (cf. Ez 16, 59-63; 36,25-28) e Isaías (cf. Is 55,3; 49,8; 61,8). Agora, esta restauração é anunciada sob a forma de uma *nova aliança*,

⁶³ Sobre o *Dia de Javé* dirá o profeta Amós: “Ai daqueles que desejam o dia de *Iahweh!*” (Am 5,18). Israel, confiante em sua prerrogativa de povo escolhido (cf. Dt 7,6), espera pela intervenção de Deus, que só pode ser favorável. Aqui, o profeta Amós opõe-se a este esperado *Dia de Iahweh* a concepção de dia de ira (cf. Sf 1,15; Ez 22,24; Lm 2,22) contra Israel endurecido em seu pecado: trevas, lágrimas, massacre, terror (cf. Am 5,18-20; 2,16; 8,9-10; Is 2,6-21; Jr 30,5-7; Sf 1,14-18). Todos estes textos demonstram a invasão devastadora dos assírios e caldeus. Durante o Exílio, este dia tornou-se objeto de esperança; a ira de Deus volta-se contra todos-as os-as seus-uas opressores-as. Marca, portanto, a restauração de Israel (cf. Am 9,11; Is 11,11; 12,1; 30,26). Depois do Exílio, este *Dia de Iahweh* torna-se grande julgamento que assegura a vitória dos-as justos-as e a ruína dos-as pecadores-as (cf. Ml 3,19-23; Jó 21,30; Pr 11,4). Cf. nota “e” de Am 5,18. In: *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1620.

⁶⁴ Cf. *Dicionário enciclopédico da bíblia*, p. 476-477.

⁶⁵ Cf. *Ibid.* Sobre estes-as *remanescentes*, também chamados-as de *Resto de Israel*, vale destacar que se tratam dos-as “sobreviventes” chamados-as por Esdras (cf. Esd 1,4), que constituem o Resto que Deus poupou, identificado, desde Ez 6,8-10, com os-as exilados-as na Babilônia: “Mas para que entre vós haja *sobreviventes* da espada no meio das nações, espalhados em meio às nações, deixar-vos-ei um *resto*. Então os vossos *sobreviventes* no meio das nações por onde tiverem sido levados cativos – quando eu tiver quebrado o seu coração prostituído que me abandonara, e os seus olhos prostituídos com ídolos imundos – se lembrarão de mim...” (grifos nossos). Cf. nota “e” de Esdras 1,4. In: *Bíblia de Jerusalém*, p. 628. No mesmo contexto, Neemias os-as chama de “os sobreviventes do cativeiro” (Ne 1,3). Também Isaías, ao tratar do Rebento de *Iahweh* diz: “Então o *resto* de Sião e o *remanescente* de Jerusalém serão chamados santos, a saber, o que está inscrito para a vida em Jerusalém” (Is 4,3 – grifos nossos). Neste caso, Isaías se refere a Israel que será castigado. Contudo, porque Deus ama o seu povo, um pequeno *resto* escapará da espada dos invasores. Este *resto*, purificado e doravante fiel se tornará a nação poderosa. Após isso (+/- 587) este *resto* encontrará aos outros que no exílio se converteram. Deus irá reuni-los-as para a restauração messiânica, o que caracteriza uma nova esperança (cf. Is 11,11.16; Jr 23,3; 31,7; Ez 20,37; Mq 2,12-13). Depois do regresso do exílio, este *Resto*, novamente infiel, será ainda dizimado e purificado (cf. Zc 1,3; 8,11). Somente numa interpretação neotestamentária que podemos perceber, com efeito, que Cristo será o verdadeiro rebento do novo e santificado Israel de que fala Isaías. Cf. nota “b” de Isaías 4,3. In: *Bíblia de Jerusalém*, p. 1260.

caracterizada por uma entronização definitiva de Javé na história. Com isso, a esperança para Israel ganhou um caráter escatológico⁶⁶. Ela se encontra totalmente orientada para Deus, pois Dele recebem sua segurança e, somente Nele presente e futuro se encontram⁶⁷, conforme, também, conclui Andrés Tornos:

A esperança, tal como a viviam os judeus através destas novas intuições e descobertas religiosas, estava assim tocando os limites de toda dimensão humana. Um passo a mais e se confrontará com esses limites, chegando inclusive no Novo Testamento à certeza de poder vencê-los de todo. Tornar-se-á então escatológica⁶⁸.

2.2.1.3.

A esperança para o indivíduo de Israel

Como foi exposta acima, a esperança também aparece no âmbito individual. Aquele-a (indivíduo) que espera se apóia na *promessa* e na *fidelidade* de Deus⁶⁹. O ser humano enquanto vive é portador da esperança. Ela o mantém vivo, quando ela acaba tudo está perdido (cf. Ecl 9,4; Lm 3,18; Jó 2,6). Assim, dentro deste contexto, uma pessoa sem esperança é alguém morto (cf. Is 38,18; Ez 37,11, Jó 17,15)⁷⁰. Esta é uma das razões para alguns grupos judeus não acreditarem na vida após a morte, ou na ressurreição; para eles-as as promessas de Deus deveriam ser cumpridas durante o período da própria vida.

Mas, para o homem e para a mulher piedosos há um futuro, há uma esperança (cf. Pr 23,18, 24,14), a qual não será frustrada porque se apóia em Deus (cf. Sl 28,7; 25,2; 31,7; 119). Para estes-as Deus é a sua esperança (cf. Jr 17,7; Sl 61,4; 71,5). Também este-a piedoso-a, quando pobre ou oprimido-a, espera em

⁶⁶ Cf. *Dicionário enciclopédico da bíblia*, p. 476-477. Vejamos aqui que esta expectativa da entrada de Deus na humanidade já era algo esperado pelo povo de Israel. A esperança cristã, que virá mais tarde, herdará esta relação, sobretudo quando analisarmos no contexto paulino e joanino que retratam a preexistência de Cristo. Trata-se de refletir o eterno que passa a fazer parte da história. É um pré-anúncio daquilo que se entenderá posteriormente como a *parusia*. Esta relação do futuro que vem ao presente e o transforma será trabalhado por MOLTSMANN na sua teologia, que resgata pelo caráter de *promissio*, presente na esperança do povo de Deus.

⁶⁷ Cf. HOFFMANN, P. Op. cit., p. 82-83.

⁶⁸ TORNOS, A. *A esperança e o além na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 67.

⁶⁹ Cf. HOFFMANN, P. Op. cit., p. 85.

⁷⁰ Cf. *Dicionário enciclopédico da bíblia*, p. 477.

Deus cheio de confiança na sua ajuda e proteção (cf. Sl 13, 6; 33,18.22). Já, o-a pecador-a espera o perdão de seus pecados (cf. Sl 51,9; 130,1-8)⁷¹.

A esperança pode também aparecer num teor escatológico (cf. Is 51,5; Jr 29,11; Sl 16,10; 17,15). Neste mesmo raciocínio, observamos que, no judaísmo posterior o-a sábio-a, o-a piedoso-a, espera a imortalidade (cf. Sb 3,4), a ressurreição de seu corpo (cf. 2Mc 7,11.14.20), a salvação junto de Deus. Para o-a pecador-a não há esperança neste período (cf. Sb 3,18), ou apenas, uma esperança vã ou enganadora (cf. Sb 3,11; 5,14; 16,29; 2Mc 7,34)⁷².

No entanto, é importante ressaltarmos que a Bíblia no AT não conhece uma esperança que seja egoísta, mesmo esta, de cunho individual, atinge conseqüentemente a todos-as. Neste contexto *o que se espera se espera para todos-as*. Logo, “não é possível amar ao próximo sem esperar para ele e com ele”⁷³. É uma *esperança coletiva* que invadirá também a compreensão que dela se tem no NT, consolidando a esperança cristã que, com efeito, terá Cristo como seu horizonte último e definitivo: o *éschaton*.

2.2.2.

Fundamentos bíblicos e teológicos do Novo Testamento

No NT voltamos a encontrar algumas das mesmas referências terminológicas que foram apresentadas no AT, principalmente pelas palavras *esperar, confiar e perseverar*. Também pode aparecer sob a forma de vigilância. Aqui Deus cumpriu a sua promessa e mostrou o seu amor e a sua fidelidade. Por essa razão que o fundamento da esperança neotestamentária não é apenas uma palavra divina ou uma promessa ainda não realizada, mas a própria história pessoal e singular de Jesus Cristo⁷⁴.

Segundo a doutrina cristã, trata-se fundamentalmente da esperança depositada em Jesus Cristo, que, por assim dizer, é do que vive a Igreja⁷⁵. Ele é a nossa esperança (cf. Cl 1,27)⁷⁶. Seu aspecto fundante é o desígnio de Deus, “mistério escondido desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado

⁷¹ Cf. Ibid.

⁷² Cf. Ibid.

⁷³ ALLMEN, J-J. V. (Dir.). *Vocabulario bíblico*. Madrid: Marova, 1968, p. 108.

⁷⁴ Cf. LA PEÑA, J. L. R. *La otra dimension*, p. 24.

⁷⁵ Cf. *Diccionario bíblico universal*, p. 246-247.

⁷⁶ Cf. *Diccionario bíblico*. Barcelona: Editorial Litúrgica española, 1959, p. 194.

aos seus santos” (Cl 1,26). Em Cristo, se realiza toda a esperança de Israel e, este cumprimento das promessas em Jesus Cristo tem um papel fundamental na reflexão teológica do NT, principalmente, na teologia de Paulo⁷⁷. Para que isso fique evidente demonstraremos os fundamentos etimológicos desta esperança, para depois, com uma forte fundamentação, refletir a partir de seus objetos o que caracteriza, especificamente, esta esperança cristã.

2.2.2.1.

Fundamentos etimológicos

A esperança no NT é pronunciada através do termo grego *elpis*, que também pode surgir com um sentido grego profano, ou seja, a espera tanto de um bem quanto de um mal (prever, esperar, temer, presumir). Porém, agora, dentro da concepção de esperança cristã, ela será sempre orientada para um bem, nunca para um mal. Por exemplo: “Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque pomos a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé” (1Tm 4,10). Não é o que se espera possuir de Deus (*visio beatifica*), mas sim, pelo fato de se depositar Nele a nossa esperança, ou seja, a nossa salvação⁷⁸.

A palavra esperança, com sentido religioso, encontra-se por todo o corpo neotestamentário. Ela poderá aparecer de forma mais direta, como vimos acima, representada pela palavra *elpis* (esperança) e, também, pelas palavras *elpizein* e *elpidso* (esperar), ou indiretamente, na medida dos acontecimentos proporcionados pela ressurreição de Cristo e pela atuação do Espírito como fomentadores de esperança na comunidade. Evidentemente que, é encontrada de maneira mais preponderante nos escritos paulinos e pós-paulinos como grupo etimológico, ou seja, *elpis*. Existe também uma presença forte na carta aos Hebreus e na Primeira Carta de Pedro, como também em Atos e Primeira João. Ainda temos o livro do Apocalipse que é, por excelência, um livro de esperança.

Já nos Evangelhos Sinóticos o termo *elpis* não aparece diretamente, contudo a Boa Nova de Jesus (*evangelion*) é com certeza uma mensagem de esperança. Ela, a Boa Nova, é uma pregação do futuro, prefigurada nos evangelhos como Reino de Deus, que sem deixar de ser escatológica já opera e

⁷⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 251.

⁷⁸ Cf. BAURER, J. B. Op. cit., p. 362.

está presente na pessoa de Jesus de Nazaré: “o Reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12,28). Isto acontece também pelas promessas de Jesus a respeito do Reino (cf. Mt 19,10s; 21,28-46; 22,1-14; Lc 13,18-30; 18,15-28; etc.) e pelas Bem-Aventuranças (cf. Mt 5,1-12), cujo conteúdo é o anúncio da futura realização da esperança⁷⁹.

Deste modo, confirmamos que a esperança cristã no NT resgata detalhes da esperança do AT (esperar, confiar e perseverar), mas além destas, também é apresentada com as terminações de permanecer, praticar a paciência, estar vigilante e de olhos abertos. Isto tudo sempre numa relação com Deus, dentro de uma ótica escatológica⁸⁰. Assim sendo, seu conteúdo orientar-se-á em diferentes objetos que são característicos da esperança cristã no NT.

2.2.2.2.

Objetos da esperança cristã

Embora esta seja apresentada (esperada) a partir de diferentes óticas, elucidaremos aqui alguns objetos para os quais, diante de uma fundamentação bíblica e teológica, a esperança cristã se destina⁸¹:

- 1) *O Reino de Deus*: Sem dúvida, esta é uma espera presente em toda a vida cristã. O Reino já era algo almejado pelo povo da Antiga Aliança, que depositava em Deus, Javé, sua esperança e fortaleza. Ele era o condutor de suas vidas, por conseguinte, o condutor da história⁸². Evidentemente que,

⁷⁹ Cf. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 477.

⁸⁰ Cf. *Sacramentum mundi*. Op. cit., p. 795.

⁸¹ Todos estes objetos da esperança cristã que serão agora aprofundados encontram-se nas obras: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 478. Cf. tb. BAURER, J. B. Op. cit., p. 362-363.

⁸² Ao se usar o conceito de *Reino*, tanto no AT como no NT, está em jogo *o agir de Deus na vida humana*, muitas vezes subentendido como o agir imediato do senhorio humano sobre os mesmos humanos em nome de tal Reino. Isto demonstra a relação tensa existente entre política e religião, que aparece já indicada no conceito de *Reino de Deus*. No entanto, sua definição é um tanto mais profunda, sendo a sua própria formação e interpretação refletida no decorrer da história. Biblicamente, já no AT Javé impera como rei. A fórmula *reinado* ou *senhorio régio de Deus*, característica do NT (*basileia tou Theou*) aparece só em 1Cr 28,5 (*malkut Iahwh*) e 2Cr 13,8 (*mamlechet Iahwh*), mas diversas expressões para dizer reinado aparecem também em Salmos, Abdias e Daniel. Isto constitui uma transformação judaico-primitiva do AT que diz: Javé é rei/foi entronizado como rei/impera como rei (*Iahwh melech/malach/imloch*). É possível que Israel tenha usado o título de rei para Javé muito antes da constituição de seu estado, mesmo não se tendo prova léxica quanto a isto. O Pentateuco fala somente em duas passagens: Ex 15,18 e Nm 23,21; a atribuição feita em Dt 33,5 é discutida. A obra deuteronomista introduz a concepção de Javé como rei apenas em conexão com o reinado político de Israel. Onde este termo mais aparece são nos

na época de Jesus esta concepção de Reino era fluente, mas que encontra nas suas pregações uma confirmação real daquilo que antes já era esperado⁸³. O Reino de Deus era o conteúdo principal da pregação da Boa Nova de Jesus. Com Ele o Reino ficou próximo e ao mesmo tempo já atuante. Após a Sua morte e ressurreição, acaba por se tornar o referencial da pregação cristã, porém, ao invés do Reino se pregava a Cristo, como consumação e plenitude do Reino⁸⁴. Sobre isso MOLTSMANN dirá: “Reino

Salmos ou nos escritos proféticos, que são do período dos reis ou são exílicos ou pós-exílicos. Neles há também uma outra concepção mais profunda deste reinado, ou por assim dizer, da concepção que se tinha dele, que coloca este senhorio não tanto ao lado do poder político e institucional. Aqui, o Javé-rei aparece do lado dos-as famintos-as, prisioneiros-as, oprimidos-as, cegos-as, estrangeiros-as, viúvas e órfãos-ãs (cf. Sl 146). Pouco tempo antes do exílio, Ezequiel revira a piedosa certeza do agir régio salvador de Javé no êxodo e na tomada da terra. Para ele, pelo fato de Israel não ter servido apenas a Javé fará agora a experiência do anti-êxodo, evidenciando o juízo do poder régio de Javé (cf. Ez 20,27s, esp. 33s). Os textos do período exílico e pós-exílico falam sobre a catástrofe do exílio e suas conseqüências, como infidelidade para com Javé. Mais tarde, com o retorno da Babilônia, o Dêutero-Isaías amplia mais este conceito de idéias: Javé é senhor e rei não só do persa Ciro (cf. Is 45, 1s), mas rei de todo o mundo que Ele criou e, sendo assim, não só rei dos deuses, mas *o único Deus* (cf. Is 44,6; tb os salmos de ascensão ao trono: Sl 96 e 97). Javé é o rei soberano. Em Dêutero-Isaías se estabelece um novo começo para o povo de Deus, foi lhe perdoada a culpa (cf. Is 40,2; 43,25). Agora Ele é seu criador e Rei e, ao mesmo tempo o seu libertador e salvador. A esperança deste Reino de Deus retorna a avaliação da monarquia onde o senhorio régio de Deus se encontra nas mãos dos *filhos de Davi*. Está preparada assim a expectativa para o messias. Cf. WACKER, M-T. O Reino de Deus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 765-767.

⁸³ Sem dúvida, o surgimento de Jesus despertou no povo esperanças messiânicas e, também, ao mesmo tempo admiração pública e escândalo. Sua mensagem sobre o Reino de Deus esteve de acordo com o testemunho da tradição sinótica, estava presente no centro de sua vida. Para Jesus, como para os Zelotes (importante grupo revolucionário da época) este Reino não é senhorio de pessoas sobre pessoas, é antes um senhorio de serviço. Porém, Jesus não segue com os Zelotes para uma luta armada contra o poderio estrangeiro. Com isso, também radicaliza a compreensão farisaica, segundo a qual este Reino deveria se manifestar no fim dos dias. Porém, para Jesus o fim dos dias já irrompeu. Cf. *Ibid.*, p. 767.

⁸⁴ Esta proximidade imediata do Reino de Deus é proclamada por Jesus como *Evangelho*, Boa Nova. Jesus anuncia o Evangelho da libertação que está por irromper em todo Israel. É um senhorio de serviço enviado aos-as pobres, prisioneiros-as, cegos-as, oprimidos-as, ao lado de quem está o próprio Deus-rei. Jesus também o destina aos-as doentes, aos-as pecadores-as, as mulheres e as crianças. Mostra em Deus um rosto de alguém que é próximo: Jesus o chama de pai (*abba*). Após a sua morte e ressurreição a compreensão deste anúncio só pode efetuar-se mediante o anúncio de seu nome: Agora, *Jesus Cristo é o Senhor*. Cf. *Ibid.*, p. 767-768.

A compreensão de Reino de Deus passou por várias interpretações no decorrer da história, que não é nosso objetivo aqui apresentar. No entanto, uma boa explicação sobre a compreensão atual para a teologia parece ser de suma importância para a nossa pesquisa. Neste contexto, o teólogo J. Weiss, que o nosso autor MOLTSMANN menciona em sua obra, foi o primeiro a frisar a importância fundamental do caráter escatológico da mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus. As suas pesquisas levantam questões não só hermenêuticas e cristológicas, mas também éticas e eclesiológicas que são de grande importância para a teologia até os dias de hoje. Do lado católico é com o Concílio Vaticano II (1962-1965) que se tornam frutíferas as implicações histórico-salvíficas e eclesiológicas do conceito de Reino de Deus. A Igreja aparece novamente como *povo de Deus*, de modo peregrinante em comunhão com a Igreja celeste, que espera ainda a consumação por Deus somente (cf. LG 48; Cf. tb. Lina BOFF, *infra* n. 9). Aqui a mensagem e práxis contida despertam a esperança destinada a todas as pessoas, ansiosas pela salvação eterna. O Reino de Deus também surge como *novo paradigma* de uma esperança que proclama a liberdade, a igualdade e a justiça; a ponto de fazer realizar já no presente este destino futuro. É o motivo central

de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimentos. A vida neste reino significa, portanto, peregrinação histórica, movimento e obediente prontidão frente ao futuro”⁸⁵.

2) *A vinda de Cristo*: É o que chamamos de *Parusia* (*parousia*), a segunda e definitiva vinda de Cristo. Esta vinda é aguardada na forma como se espera o futuro do Reino de Deus. É o dia final. Mas, também, o início de um novo *éon*, um novo tempo com Cristo. Na *parusia*, Cristo será tudo em todos (cf. 1Cor 15,28; ver tb: 1Ts 1,10; 1Cor 1,7; Fl 3,20s; Hb 9,28; Tg 5,7s). Hans Kessler menciona a *parusia* de Cristo como cumprimento das esperanças messiânicas. Para ele, os-as cristãos-ãs não só pressupõem que Cristo esteve uma vez aqui e não contam apenas com a Sua presença no Espírito, mas crêem também que Ele virá em glória. A este futuro é que se direciona a nossa esperança na *parusia*, ou vinda de Deus. Assim, a esperança da *parusia* significa o movimento do amor de Deus que ganhou espaço na vida, morte e nova vida de Jesus; só por isso é que a criação encontrará a sua redenção. Ela irrompe profundamente: “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). Este bater muda totalmente a situação para quem ouve⁸⁶.

de correntes teológicas como a *Teologia da Esperança*, *Teologia Política*, *Teologia da Libertação*, *Teologia Feminista*, *Teologia Negra*, *Teologia Indígena* e outras. Neste contexto teológico, o presente se apresenta como *kairós* que desafia o tempo para a realização da esperança escatológica. Resgata-se a idéia de Reino de Deus atribuída por Jesus, como a opção pelos-as pobres, pelos-as mais fracos-as, excluídos-as e necessitados-as. A Igreja se torna servidora e solidária com as vítimas do passado e do presente. O Reino de Deus se torna paradigma para a salvação humana universal que – pelo Espírito de Deus – precisa da força de todos-as, mas cuja consumação é exclusivamente de Deus. Cf. BUSSMANN, M. Reino de Deus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 775.

Também sobre uma definição atual do conceito de Reino de Deus, dentre várias obras, indicamos: BERNABÉ, C. Reino de Deus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 674-683. RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 33-47. MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo*. A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004, p. 29-68. BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. SOBRINO, J. *Jesus o Libertador: História de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1994. Id. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 273-288. Id. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997, p. 11-32.

⁸⁵ MOLTSMANN, J. *A teologia da Esperança*, p. 273.

⁸⁶ Cf. KESSLER, H. *Cristologia*. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*. v. 1. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 389-390. Sobre a *Vinda de Cristo*, a *Parusia*, propomos aqui também uma argumentação de MOLTSMANN, sobre quem trataremos mais tarde, cuja obra traz no próprio nome este enunciado (*A vinda de Deus*): “Com a vinda de Deus vem um ser que não mais morre, e um tempo que não mais passa. Vêm a vida eterna e o tempo eterno. Na vinda escatológica, Deus e o tempo estão ligados de tal maneira que o ser de Deus no mundo deve ser concebido

3) *A ressurreição*: É o tema principal de Paulo nas suas cartas, para ele é o objetivo da esperança cristã. É o que esperamos da nossa salvação. Aquilo que aconteceu com Cristo, prefigura o futuro que almejamos (cf. 1Cor 15). Em Paulo, esta ressurreição já é apresentada pelo ritual do batismo, pelo qual o-a fiel morre para o pecado e ressuscita com Cristo para a vida eterna. (cf. Rm 6,3-14; tb. 1Ts 4,13s). Com certeza, a compreensão cristã da ressurreição inclui e amplia a compreensão do AT. Com a ressurreição de Cristo percebemos a proximidade de Deus que já pode ser realizada e experimentada nesta vida. Na época, os discípulos experimentaram o poder desta nova vida com a ressurreição do Jesus crucificado. Neste pensamento, Franz-Josef Nocke afirma que, “ressurreição significa relação permanente e intensificada com este mundo e os homens que nele vivem”⁸⁷. Portanto, não significa uma nova vida que venha a esquecer o que houve até agora, mas sim uma *re-ativação* da vida vivida até agora. “A ressurreição tem a ver com o mundo, aprofunda relações, é consumadora da história”⁸⁸.

4) *A vida eterna*: Representa para a fé cristã o resultado da encarnação do Filho, que assumindo a humanidade em seu ser, possibilitou que esta

escatologicamente e o futuro do tempo, teologicamente. [...] O *Deus da esperança* é, ele próprio, o *Deus vindouro* (Is 35,4; 40,5). Quando Deus vier em sua glória, ele encherá o universo com o seu resplendor, todos o verão e ele engolirá a morte por toda a eternidade. Este futuro é o modo de ser de Deus na história. O poder do futuro é o seu poder no tempo. A sua eternidade não é uma simultaneidade atemporal, mas o poder de seu futuro sobre cada tempo histórico. [...] ‘Ainda não se manifestou o que seremos; porém, quando se manifestar, seremos iguais a ele, pois o veremos como ele é’ (1Jo 3,2). Isto se refere ao Cristo da *Parusia* (sic). A escatologia do Deus vindouro dá vida à história do novo devir humano. Será um devir sem perecer, o devir para um ser permanente na presença vindoura de Deus. [...] Lutero traduziu-a corretamente como ‘futuro de Cristo’ e introduziu o tom messiânico da esperança nesta palavra. A tradução com ‘retorno’ é errônea, porque presume uma ausência temporária”. MOLTSMANN, J. *A Vinda de Deus: Escatologia cristã*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 39-43. Título original: *Das Kommen Gottes: Christliche Eschatologie*, 1995. Também sobre esta temática indicamos a seguinte obra, numa perspectiva da teologia cristã oriental: Koubetch, V. *Da criação à parusia: linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁸⁷ NOCKE, J-F. Op. cit., p. 405-406.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 406. Ver tb. p. 406-411. Sobre este assunto existe vasta bibliografia, para este momento preferimos por indicar estas: BOFF, L. *Vida para além da morte*. Op. cit. Id. *A nossa ressurreição na morte*. Op. cit. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã*. Op. cit. BLANK, R. *Escatologia da pessoa*. Op. cit. BETIATO, M. A. *Escatologia cristã: Entre ameaças e a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 51-58. FRAIJÓ, M. Ressurreição. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 719-730. KESSLER, H. Ressurreição. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 783-792. MOLTSMANN, J. *A Teologia da Esperança*, p. 181-288. Id. *A Vinda de Deus*, p. 65-146. COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. *A esperança cristã na ressurreição*. Petrópolis: Vozes, 1994.

tivesse acesso ao mistério divino (cf. Tt 1,2; 3,7). O ser humano que é finito encontra na relação com Cristo a certeza da salvação, na qual dotado pela graça transpira rumo à eternidade, num horizonte infinito de plena realização. *O eterno se torna terno para que o terno se torne eterno*⁸⁹. Esta eternidade para os-as cristãos-ãs é algo que *ainda não* vislumbramos, mas que *já* é possível sentir, como ressalta MOLTSMANN: “Assim, o verdadeiro presente nada mais é do que a eternidade imanente no tempo. É preciso, portanto, reconhecer no brilho do temporal e do passageiro, a substância nele imanente, ‘o eterno que está presente’”⁹⁰; termina parafraseando Hegel.

5) *A herança*: Diz Paulo: “E se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados” (Rm 8,17). No fundo esta herança de que fala Paulo só se torna possível mediante a nossa filiação divina, que nos foi agraciada por Cristo. Cristo ao assumir a nossa humanidade, assumiu assim inteiramente todo o nosso ser, tornando-nos, pois, partícipes da sua eternidade. É isto que confessa o credo cristão ao afirmar que Cristo está sentado à direita do Pai⁹¹. Paulo ainda reflete a nossa participação na sua morte e ressurreição, da qual pelo Batismo já nos tornamos herdeiros-as: “Porque se nos tornamos uma só coisa com ele por morte semelhante à sua, seremos uma só coisa com ele também por ressurreição semelhante à sua” (Rm 6,5).

⁸⁹ Aqui a palavra “terno” aparece no sentido de afetuoso. Deus, na eternidade se afeiçoa para conosco, a ponto desta afeição nos envolver e pela graça nos arremessar rumo à eternidade.

⁹⁰ MOLTSMANN, J. *A teologia da Esperança*, p. 43.

⁹¹ Sobre isso Joseph Ratzinger, hoje BENTO XVI, comenta: “A encarnação de Deus em Jesus Cristo, por força da qual o Deus eterno e o homem temporal se fundem numa mesma pessoa, nada mais é do que a concretização do poder de Deus sobre o tempo. Nesse ponto da existência humana de Jesus, Deus apanhou o tempo e o puxou para dentro de si mesmo. O seu poder sobre o tempo está materializado diante de nós em Cristo, que é realmente a ‘porta’ entre Deus e o homem, como diz o evangelho de João (10,9), o seu ‘mediador’ (1Tm 2,5) no qual o eterno tem tempo. Em Jesus, nós, que somos temporais, podemos dirigir-nos àquele que é temporal e é nosso *con*-temporâneo; mas nele que é tempo conosco e eternidade com Deus. [...] Deus não é refém de sua eternidade: em Jesus, ele tem tempo para nós, e Jesus é realmente o ‘trono da graça’ do qual podemos ‘aproximar-nos com toda a segurança’ (Hb 4,16) em qualquer tempo”. RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 233-234. Em outra passagem ele dirá que, a esperança que o ser humano tem da vida eterna, que ele adquire por herança de Cristo, está na certeza de estar presente na memória de Deus Pai, isto só é possível pela fé que Cristo – Divino-Humano – está sentado a direita do Pai, conforme professa o credo cristão. Cf. *Ibid.*, p. 229-234.

6) *O que nenhum olho viu*: Na primeira carta de João esta esperança se certifica pela esperança dos olhos que viram e dão testemunha (cf. 1Jo 1,1), no Evangelho joanino remete aos que não viram, Jesus declara: “Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29). Aqui, a referência é apresentada também pelo que não se vê: “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, tudo o que Deus preparou para os que o amam” (1Cor 2,9). Neste ponto, a esperança deverá estar sempre acompanhada da fé, como sustenta a teologia paulina. A esperança no futuro impulsiona os que crêem, mesmo sem verem. Quando se trata de fé e esperança no futuro nós “não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Cor 4,17s).

7) *A participação na glória de Cristo*: Conforme já foi mencionado quando tratamos da nossa herança em Cristo, este objeto da esperança cristã é o resultado da nossa filiação divina, que nos possibilita participar da glória eterna de Cristo (cf. Rm 8,17; 2Cor 3,18; Fl 3,20). Segundo Franz-Josef Nocke esta glória definitiva só será possível na consumação dos tempos e o alvo da esperança cristã é a consumação junto a Deus. Para ilustrar ele enumera alguns conteúdos desta esperança: 1) Vindo das antigas promessas proféticas: futuro para além da morte, terra, pátria, segurança, paz, proximidade protetora, perdoadora e vivificadora de Deus; 2) Libertação do sofrimento, dor injustiça, a ressurreição dos mortos; 3) A chegada definitiva do Reino de Deus; 4) Presença poderosa e definitiva de Jesus Cristo⁹².

8) *Todos os bens da Boa Nova: Céu*: A carta aos Hebreus dirá que “tudo deixamos para conseguir a esperança proposta” (Hb 6,18). E, esta esperança apenas vem a confirmar aquilo que já fora outrora prometido por Deus, que no evento-Cristo vem dar pleno cumprimento. Agora, tudo já está reservado nos céus (cf. Cl 1,5), porém, desde que não nos afastemos da *esperança do Evangelho* (cf. Cl 1,23). Segundo Maria Clara L.

⁹² Cf. NOCKE, F-J. Op. cit., p. 421.

Bingemer, “no céu, Deus faz do velho novo, da luta vitória, da morte vida, da solidão comunhão”⁹³. Para ela, só assim é possível formar uma comunidade ilimitada que é o Reino de Deus, o *Corpo de Cristo*⁹⁴. O céu, então, representando todos os bens da Boa Nova se transforma na utopia maior da esperança. Algo *já* prefigurado por nós aqui na terra, mas que somente será consumado na glória de Deus Pai. Por enquanto ansiamos num *ainda não* e, aguardamos serenamente pela promessa feita no Apocalipse: “*um novo céu e uma nova terra*” (Ap 21,1). Então teremos a casa de Deus com toda a humanidade e com toda a criação. Deus habitará com todos, será o *Emanuel (Deus-conosco, Deus-com-eles)*. No céu “Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (Ap 21,4)⁹⁵.

Estas são algumas direções para as quais aponta a esperança cristã e acreditamos que a sua fundamentação era necessária para solidificar ainda mais a nossa compreensão sobre ela. São conceitos amplos, cujas definições não cessam por aqui. Aquilo que foi exposto acima apenas ilustra um algo a mais em nossa reflexão teológica.

Dito isso e, após aprofundarmos e refletirmos estes objetos da esperança cristã no NT, dedicaremos parte deste trabalho a partir de agora para desenvolver uma reflexão apenas da esperança cristã baseada na teologia de Paulo. Optamos por ele porque esta argumentação é imprescindível para uma verdadeira teologia da esperança cristã. Outro motivo é porque alguns elementos nos servirão de apoio para o que pretendemos trazer mais adiante, quando refletiremos sobre esta temática na teologia de MOLTSMANN. Neste momento, utilizando de Paulo, tratamos por ver aqui a esperança com os olhos da fé, numa teologia profunda, rica em elementos e em conteúdo.

⁹³ LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã*, p. 285.

⁹⁴ Cf. *Ibid.*

⁹⁵ Para maiores informações sobre este assunto, céu, verificar: RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 229-234. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã*, p. 246-286. BOFF, L. *Vida para além da morte*, p. 68-83. LANG, B. Céu. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 79-85.

2.2.3.

A esperança na teologia de Paulo

Paulo é reconhecido como o *teólogo da esperança*⁹⁶. Sua teologia possui um viés essencialmente escatológico, pelo modo como centraliza a esperança na cruz e na ressurreição. Além disso, ele foi o primeiro e o maior teólogo cristão dos primórdios do cristianismo. Certamente, foi o primeiro cristão a articular a sua fé por escrito e a instruir outros-*as* irmãos-*ãs*, sem com isso minimizar o trabalho feito pela primeira comunidade apostólica⁹⁷.

O estudo que faremos a seguir demonstra como a teologia atual ainda necessita das argumentações paulinas. Ele, como apóstolo, tornou-se o portador da mensagem principal da esperança cristã, que é a *ressurreição*, pois foi testemunha do ressuscitado e se intitulou *o último dos apóstolos*. Muitas de suas reflexões merecerão sempre destaque e, estes fundamentos basilares que queremos expor e que foram por ele depositados no seio do cristianismo serão importantes para o nosso estudo posterior. Por essa razão, daremos aqui a ênfase necessária para tal investigação.

Para tanto, iniciaremos este estudo destacando, primeiramente, aspectos gerais da esperança cristã na teologia paulina, perpassando de maneira sucinta por textos já conhecidos e desenvolvidos nas suas principais cartas e que trazem a relevância deste tema. Neles a esperança representa um papel importante, principalmente em Romanos, Coríntios, Tessalonicenses e Timóteo, cujos textos destacamos em partes. Logo após, propomos um estudo mais específico ao tratarmos de duas cartas que não trazem diretamente o tema da esperança; todavia, a abordagem implícita que dela se tem e, por serem importantes hinos da Igreja primitiva, demonstram no seu conteúdo aspectos perceptíveis de uma esperança viva que perpassava pela dinâmica da fé comunitária. Falamos aqui de Efésios e Filipenses. Vejamos a seguir:

⁹⁶ Cf. BELLOSO, J. M. R. Op. cit., p. 229.

⁹⁷ Um profundo estudo da teologia de Paulo se encontra na obra citada a seguir. Nela se encontra uma rica bibliografia sobre ele, além de um trabalho criterioso de sua vida, escritos e teologia: DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. Título original: *The theology of Paul apostle*.

2.2.3.1.

Aspectos gerais da esperança na teologia paulina

Em Paulo, na carta aos Romanos, esperança é caracterizada pelo ato de aguardar com *confiança* o que não se vê (cf. Rm 8,24s)⁹⁸. Abordagem que aparece também em outro texto do NT, a carta aos Hebreus: “A fé é garantia antecipada do que se espera, a prova de realidades que não se vê” (Hb 11,1). Por esta ótica, esperança abrange expectativa, confiança e paciência, correlacionadas de forma inseparáveis⁹⁹.

Já em Coríntios, podemos notar que, pela ação do Espírito Santo a esperança dos-as cristãos-ãs, ou seja, a esperança cristã, não é a mesma da Antiga Aliança. Vejamos: “Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6). Agora, Paulo intensifica que o-a cristão-ã *vive no Espírito*, ou *possui o Espírito*. Conforme, também em Romanos: “Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós” (Rm 8,9). Mais: “E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5)¹⁰⁰.

E, para os-as cristãos-ãs, esta ação do Espírito, capaz de atingir a todos-as pela graça, só foi possível mediante a ressurreição de Cristo, como prelúdio futuro de toda a realização humana. Pela fé no Cristo ressuscitado, o-a cristão-ã espera para o futuro a plenificação de sua esperança, confirmada através da filiação divina e da glória: “... por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rm 5,2). Também: “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19)¹⁰¹.

Na perspectiva da Nova Aliança, a qual se orienta o NT, quem inspira esta esperança é Deus que é fiel às suas promessas (cf. 1Ts 5,24; 1Cor 1,9). Mas, é Cristo que dá a firmeza necessária, portanto, Ele é “nossa esperança” (1Tm

⁹⁸ Notamos aqui, mais uma vez, a palavra *confiança*. Ela é uma das características fundamentais da esperança no AT. Mesmo que no corpo paulino ela tenha sido escrita em grego, Paulo mantém o conteúdo da tradição bíblica.

⁹⁹ Cf. *Sacramentum mundi*. Op. cit., p. 795

¹⁰⁰ Cf. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 478.

¹⁰¹ Cf. *Ibid.*

1,1)¹⁰². Deste ponto, Paulo aparece como o grande teórico da esperança cristã, cuja em sua teologia, o seu principal objeto será a ressurreição dos mortos (cf. At 23,6; 24,15; 25,6-7; 28,20; 1Cor 15,1s.). Paulo passa a desenvolver aquilo que chamaremos de uma *Teologia da Esperança*, na qual, para ele, esperança é a *confiante e paciente* expectativa dos bens desejados, do qual o maior é a salvação: “Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,24-25)¹⁰³.

Também no pensamento de Paulo a esperança sempre estará ligada à fé e a caridade, formando o conjunto conhecido como *as três virtudes teologais* (cf. 1Cor 13,13)¹⁰⁴. Aqui a esperança nasce da fé e é reconhecida como a segunda virtude, mas as três conjuntamente formam o constitutivo da vida cristã. Forma-se assim, a chamada *Trilogia paulina* (crer, esperar e amar)¹⁰⁵. “É a fé ‘que aguarda esperando’. Vem unida a fé ‘que se torna eficaz no amor’”¹⁰⁶.

¹⁰² Cf. Ibid.

¹⁰³ Cf. *Dicionário bíblico universal*, p. 248-249. Também sobre esta passagem encontramos uma explicação na obra de James D. G. Dunn, na qual reflete a esperança numa relação com o Espírito Santo. Algo pela experiência suscitada em Paulo pelo Espírito e que é capaz de assegurar-se pela esperança. Trata-se de uma certeza salvífica ligada à filiação divina concedida também pelo Espírito: “Esta relação entre o Espírito e a Esperança repete-se com frequência suficiente para podermos classificar a esperança como uma das bênçãos primárias do Espírito para Paulo (cf. Rm 5,2-5; 8,23-25; 15,13; Gl 5,5; Fl 1,19-20; Ef 4,4; 1Cor 13,7; 2Cor 3,12; Ef 1,17-18). Particularmente digna de nota é a ênfase em Rm 5,2-5 e 8,18-25 de que esta esperança era experimentada e mantida apesar do sofrimento e da aflição. Sem dúvida era a experiência de ser sustentado até nas circunstâncias mais adversas que permitia a Paulo continuar sua obra missionária. Atribuía essa experiência ao Espírito. Aqui, mais uma vez, devemos lembrar a diferença entre as concepções hebraica e grega, a última concebida como algo mais tentativo, a primeira como algo mais confiante e seguro. Não admira, portanto, que em Rm 8 Paulo atribua esta esperança ao Espírito, depois de ter falado da certeza da filiação também dada pelo Espírito”. DUNN, J. D. G. Op. cit., p. 499-500.

¹⁰⁴ Isto é muito presente nas cartas paulinas, como veremos mais adiante, ao tratarmos dos fundamentos bíblicos da esperança cristã. Por ora, vale ressaltarmos que, esta menção as três virtudes teologais aparecem em outras passagens do corpo paulino. Uma das mais antigas é da Primeira Carta aos Tessalonicenses: “É o que recordamos sem cessar, aos olhos de Deus, nosso Pai, a atividade de vossa fé, o esforço da vossa caridade e a perseverança da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1,3), grifos nossos. Ainda com relação às três virtudes teologais, notamos que, a persistência da fé e da esperança mostra que Paulo não pensa (em 1Cor 13,13) na vida depois da morte. Este agrupamento das três virtudes teologais, já mencionado antes na 1Ts 1,3 lhe é, sem dúvida, anterior, surgindo de maneira freqüente nas epístolas do apóstolo, como também em outros escritos do NT, com alterações de ordem. Assim, podemos encontrá-las em: 1Ts 5,8; 1Cor 13,7.13; Gl 5,5s; Rm 5,1-5; 12,6-12; Cl 1,4-5; Ef 1,15-18; 4,2-5; 1Tm 6,11; Tt 2,2; cf. Hb 6,10-12; 10,22-24; 1Pd 1,3-9.21s. Também aparecem juntos fé e amor: 1Ts 3,6; 2Ts 1,3; Fm 5. Constância e fé: 2Ts 1,4. Caridade e constância: 2Ts 3,5; cf. 2Cor 13,13. Cf. nota “d” de 1Cor 13,13. In: *Bíblia de Jerusalém*, p. 2010.

¹⁰⁵ Cf. HOFFMANN, P. Op. cit., p. 84.

¹⁰⁶ Ibid.

Mas, em Paulo, para todo-a o-a batizado-a o objeto direto da esperança é a glória eterna (*doxa*)¹⁰⁷. Sendo que, para ele, os-as cristãos-ãs têm uma e mesma esperança já que são um só corpo e um só espírito: “Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados” (Ef 4,4)¹⁰⁸. A esperança “é uma âncora sólida e segura”¹⁰⁹, mas que só se torna real pela fé, na medida em que é edificada pelo amor. “É o amor que tudo crê, espera e suporta”¹¹⁰, por isso jamais passará (cf. 1Cor 13,7).

Por fim, as características da esperança paulina são: 1) a *invisibilidade*, pois, esperamos o que não vemos (cf. Rm 8,24). 2) A *certeza*, centralizada no amor de Deus. 3) Uma *virtude do tempo da peregrinação* (cf. Rm 8,18-25; 1Cor 13,13). 4) *Basea-se sobre o fundamento da fé*, já que a fé é a base firme e substancial de tudo o que esperamos (cf. Hb 11,1.10.19). 5) Está *relacionada à promessa de Deus*, que se cumpre no próprio Cristo, portanto, Ele é a nossa esperança, a esperança da glória (cf. 1Tm 1,1; Rm 5,2). Tudo isso não impede que a esperança se expresse no Reino, na nova criação, na ressurreição e na recepção do Espírito, porém Paulo escreve num intuito de concentrar o horizonte cristão na fé que nasce da cruz e da ressurreição. No conceito de Paulo, pela certeza da fé, o cristão deve *sperare contra spem*, ou seja, esperar contra toda desesperança (cf. Rm 4,18)¹¹¹. Acreditamos que, uma compreensão melhor aparecerá a seguir ao analisarmos o texto de Efésios.

2.2.3.2.

A esperança em Efésios

Segundo o NT a esperança cristã possui como objetivo principal a *salvação (soteria)*, algo que se tornou presente e concreto na pessoa de Jesus Cristo. Isto é muito bem elucidado por Paulo, como vimos acima e, também a seguir no hino da Epístola aos Efésios:

Bendito seja o Deus e Pai
de nosso Senhor Jesus Cristo,

¹⁰⁷ Cf. *Diccionario bíblico*, p. 194.

¹⁰⁸ Cf. MACKENZIE, J. L. Op. cit., p. 302.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ HOFFMANN, P. Op. cit., p. 84.

¹¹¹ Cf. BELLOSO, J. M. R. Op. cit., 229.

que nos abençoou com toda a sorte
de bênçãos espirituais,
nos céus, em Cristo.
Nele nos escolheu
antes da fundação do mundo,
para sermos santos e irrepreensíveis
diante dele no amor.
Ele nos predestinou para sermos
seus *filhos adotivos por Jesus Cristo*,
conforme o beneplácito da sua vontade,
para louvor e glória da sua graça
com a qual ele nos agraciou no Amado.
E é pelo sangue deste que temos *a redenção*,
a remissão dos pecados,
segundo a riqueza de sua graça,
que ele derramou profusamente sobre nós,
infundindo-nos toda sabedoria e inteligência,
dando-nos a conhecer
o mistério da sua vontade,
conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar
para *levar o tempo à plenitude*:
a de Cristo encabeçar todas as coisas,
as que estão nos céus e as que estão na terra.
Nele, predestinados pelo propósito
daquele que tudo opera
segundo o conselho da sua vontade,
fomos feitos sua herança,
a fim de servirmos para seu louvor e glória,
nós os que antes esperávamos em Cristo.
Nele também vós,
tendo ouvido a Palavra da verdade
– *o evangelho da vossa salvação* –
e nela tendo crido,
fostes *selados pelo Espírito da promessa*,
o Espírito Santo,
que é o penhor da nossa herança,
para a redenção do povo que ele adquiriu
para seu louvor e glória (Ef 1, 3-14)¹¹².

¹¹² Grifos nossos. Para a Epístola aos Efésios Cristo reúne o mundo sobre sua autoridade e o conduz a Deus. Todos-as são reunidos-as em torno da mesma salvação, que provém de Deus, em Cristo. Como vemos, desde o início desta oração, Paulo se eleva ao plano celeste, do qual se manterá toda a Epístola. É do céu, da eternidade, que tudo provém e é para lá que se encaminham todas as coisas, onde se realizam os fins dos tempos, chamadas por ele de *bênçãos espirituais*. Dentro desta oração da Igreja primitiva, que nos revela o mistério da salvação, colocado por nós neste estudo como objetivo principal da esperança cristã, Paulo desenvolve a argumentação de algumas bênçãos, que são derramadas em decorrência da revelação deste mistério: *A primeira bênção* que ele nos apresenta neste texto é o chamado dos-as eleitos-as à vida santa, já iniciada de maneira mística pela união dos que crêem no Cristo glorioso. É o amor primeiro de Deus por nós que nos inspira à eleição e assim, somos chamados-as à santidade. (cf. Cl 3,12; 1Ts 1,4; 2Ts 2,13; Rm 11,28). Desse amor deriva o nosso amor a Deus e a ele responde. *A segunda bênção* demonstra o modo escolhido para essa santidade, isto é, a filiação divina, cuja fonte e modelo é Jesus Cristo, o Filho único (cf. Rm 8,29). *A terceira bênção* resgata a obra histórica da redenção pela cruz de Cristo. *A quarta bênção* traz a revelação do mistério (cf. Rm 16,25s). *A quinta bênção* diz respeito à eleição de Israel, que se torna a herança de Deus e sua testemunha na expectativa messiânica. *A sexta bênção* é o chamado aos gentios para partilharem da salvação antes reservada

Ao analisarmos brevemente este texto, podemos observar que já há na teologia paulina uma *certeza* produzida pela esperança. Dizemos aqui que já é um reflexo da experiência espiritual do próprio Paulo¹¹³. Ele sempre utiliza o termo grego *elpis* para caracterizar a sua esperança, porém a reafirma mediante os conceitos do AT. Assim, ousamos dizer aqui que se trata de uma *espera confiante e perseverante*. Algo que é sustentado pela revelação de Cristo contida na cruz e na ressurreição. Neste hino de Efésios, Paulo sintetiza todo o mistério salvífico contido na encarnação de Jesus, para isto, ele demonstra a vontade salvífica de Deus atuante desde a eternidade: “nos escolheu antes da fundação do mundo”. Esta vontade salvífica se sustenta por toda a história e culmina com Cristo, nosso Deus e Senhor, conforme ele mesmo escreveu em outra carta: “A imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). Paulo reforça o destino humano para com Deus, sustentado *na esperança da salvação* e, ressaltado pela filiação divina. Tudo, porém, acontece por obra da graça, fruto do amor de Deus, “com a qual ele nos agraciou no Amado”.

Esta encarnação, obra amorosa de Deus, encaminha a humanidade à sua remissão completa. Tudo que foi assumido pelo Filho será redimido, dirão os Padres da Igreja¹¹⁴. Assim, confirmamos que, Cristo é a Palavra viva do Pai, é o *Logos* eterno, Evangelho da nossa salvação, que *sela* pelo Espírito Santo a consumação de toda a criação. Cristo assume a humanidade no desejo de que a humanidade compartilhe da sua divindade, só assim, Cristo será tudo em todos-as (cf. 1Cor 15,28). Trata-se do *mistério da verdade*, escondido desde antes da criação do mundo e revelado agora para a salvação de todos-as e para a glória de Deus Pai. Segundo a teologia paulina a nossa esperança tem endereço certo e por essa razão se confirma. É algo seguro capaz de nos transformar em *novos seres*, portadores-as de uma *nova vida*. Vejamos isso de maneira mais detalhada a partir de trechos extraídos do hino:

a Israel. Esta certeza se confirma pela posse do Espírito Santo. Pois, agora, por desígnio divino, podemos perceber a salvação em forma trinitária. Porém a plenitude dos tempos só será atingida pela Parusia de Cristo (cf. Lc 24,49s; Jo 1,33s; 14,26s). Cf. “*notas de rodapé*” de Ef 1, 3-14. In: *Bíblia de Jerusalém*, p. 2039-2040.

¹¹³ Cf. DUNN, J. D. G. Op. cit., p. 499-500.

¹¹⁴ É uma expressão muito usada na Patrística, porém ilustramos aqui com uma bela passagem de Gregório de Nazianzeno (329-390), uma poesia que retrata a natureza humana: “... finalmente o Cristo, que uniu a sua natureza à nossa para trazer socorro a meus sofrimentos através de seus divinos sofrimentos, para divinizar-me graças a sua condição humana”. GREGÓRIO NAZIANZENO. Poema sobre a natureza humana. In: GOMES, C. F. *Antologia dos Santos Padres*: Páginas seletas os antigos escritores eclesiásticos. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 192.

1) *Filhos adotivos por Jesus Cristo*: Esta adoção se concretiza pela encarnação do Filho, para a qual Deus nos destinou desde toda a eternidade, a ponto de sermos seus filhos-as adotivos-as por Jesus Cristo. Somos, desta forma, cobertos de bênçãos espirituais em que o próprio Deus, em Cristo, decide por fazer parte da nossa humanidade. Ao assumir Ele se torna igual a nós e, evidentemente, nos torna iguais a Ele¹¹⁵. É uma proximidade única que nos direciona para um lugar definitivo, pois o endereço do-a filho-a sempre será na casa do Pai. No momento que aceitamos isso, adquirimos a confiança necessária para se comprometer com o plano de Deus para toda a humanidade. Percebemos, então, que o nosso futuro está com Deus e em Deus. Ele é a nossa força e a nossa esperança.

2) *Redenção e remissão pela graça*: “E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça” (Ef 1,7). Esperamos deste modo o perdão e a justificação de toda a falta e de todo o pecado. Somos justificados pelo seu amor. Em Cristo todos-as morremos, segundo Paulo. Ele assume a nossa morte em sua morte, se faz pecado para do pecado nos libertar. Esta sua ação reflete em *toda* a humanidade que foi de uma vez por todas marcada e redimida com o seu sangue. Para Paulo a cruz possui um significado ainda maior porque reflete a ressurreição, que é o grande sinal de salvação, o sinal da *certeza*. É neste ponto que se situa a esperança paulina, no entanto ela não rejeita a cruz, visto que o Ressuscitado é antes o Crucificado. O ponto principal da esperança cristã aqui é a justificação do-a pecador-a, fruto da graça divina¹¹⁶. E, para Paulo, esta remissão acontece de forma gratuita em Cristo: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que

¹¹⁵ Colocamos o adjetivo *igual* por entendermos que sua encarnação não o deixa apenas semelhante a nós, mas o fez verdadeiramente um ser humano, como atesta o credo cristão.

¹¹⁶ Sobre as implicações acima mencionadas e que são resultados da morte expiatória de Jesus, ponto importante da teologia paulina, indicamos: DUNN, J. D. G. Op. cit., p. 251-280. Cf. tb.: KESSLER, H. Op. cit., p. 253-257. Sobre a graça, indicamos: MIRANDA, M. F. Op. cit., p. 107-113. BOFF, L. *A graça libertadora do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. PESCH, O. H. Graça. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 327-332. LA PEÑA, J. L. R. Graça. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 319-325. E, por fim, dois clássicos agostinianos: AGOSTINHO. *A graça I*. Trad. Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999. Id. *A graça II*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999.

nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! – e com ele nos ressuscitou...” (Ef 2,4-6).

3) *Do tempo à plenitude*: Deus se tornou tempo para que o tempo se tornasse eterno. Este é o *kairós* responsável pela nossa salvação. A esperança cristã se confirma na *Parusia*, vinda gloriosa de Cristo, que pela sua ressurreição inaugura um *novo tempo*, uma *nova humanidade*, que chegará à sua plenitude, onde Cristo passará a ser tudo em todos-as (cf. 1Cor 15,28) e entregará tudo ao seu Pai, para sua eterna glória. Assim se completará a obra da salvação e a criação chegará ao seu fim, que não é um *fim-fim*, mas um *fim-para*, para o eterno. O marco deste fato, o momento *kairós* é a ressurreição de Cristo, que abre definitivamente à história da criação o seu futuro escatológico, conforme a mesma carta confirma mais adiante: “O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas” (Ef 4,10). Na perspectiva paulina Cristo é a chave deste futuro. Ele se torna o *Éschaton*, pois assume em seu ser a plenitude da vida e, com isso, a plenitude do tempo, que rompido para sempre se torna eterno.

4) *A herança do Filho*: Por obra da graça somos herdeiros-as de todos os bens espirituais que Cristo deixou. Como aparece também em Romanos: “E se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados” (Rm 8,17). Somos também os-as destinatários-as do Reino e do seu Evangelho, que em sua mensagem nos traz a *salvação eterna*. Portanto, a nossa esperança desta salvação consiste no fato de que em Cristo, somos herdeiros-as de uma *vida nova*, que com Ele nos revestimos do *Homem Novo*, criado segundo Deus na justiça e santidade da verdade (cf. Ef 4,24).

5) *Cristo, o Evangelho da salvação*: A expressão *Evangelion* é uma palavra predominantemente paulina. Das 76 ocorrências no NT 60 são dentro do corpo de suas cartas. É uma palavra-chave da sua teologia e da

maneira como assume a posição de apóstolo, decidindo por toda a sua vida evangelizar. Isto significa levar a Boa Nova, a novidade que Cristo traz. Ele enriquece o conteúdo do evangelho como *força de salvação*. Para Paulo somente o evangelho de Cristo justifica e defende a fidelidade a Deus¹¹⁷. Por certo, a nossa esperança se fundamenta em Cristo. Seu *Evangelho* se torna uma força capaz de transformar a nossa vida e a vida ao redor, levando à plenitude toda a obra da criação. O evangelho de Cristo é um sinal visível de salvação, portanto, de esperança. Cristo é a pedra angular (cf. Ef 2,20). Nele somos co-edificados-as para sermos habitação de Deus, no Espírito (cf. Ef 2,21).

6) *Selados pelo Espírito da promessa*: O que solidifica a nossa certeza, que nos impulsiona a fé, é a marca que trazemos do Espírito Santo. É impossível haver esperança sem que haja a ação do Espírito. Foi Ele quem falou outrora pelos profetas, que guiou a Cristo e que hoje conduz a Igreja. Ele é que nos conduz pelo caminho verdadeiro e nos direciona a plenitude do Reino. Para a comunidade paulina a certeza do Espírito era tão importante quanto à certeza da ressurreição de Cristo. Estas duas coisas estavam totalmente interligadas. É a marca do-a cristão-ã, que pela *promessa* assegura-se na sua esperança, que no Espírito sempre se renova¹¹⁸. Frisamos aqui a palavra promessa porque ela só pode ser compreendida como evento de revelação de Deus à luz do Espírito Santo.

Assim, partindo deste hino cristão da Epístola de Paulo aos Efésios, ousamos alicerçar a esperança na promessa de salvação de Deus que foi concretizada em Jesus Cristo. Ele é a nossa esperança. Somente por meio Dele podemos ser chamados-as de filhos-as. Temos em Cristo um *irmão maior*, que por amor nos redimiou e fez cumprir em nós as *primícias do Espírito* (cf. Rm 8,22-24). Somos agora herdeiros-as de uma *nova vida* que se inicia, é um *novo tempo* que advém e transforma o que era velho em novo. Este é o Evangelho de Jesus Cristo. Este é o Evangelho da Promessa, capaz de despertar em nós a esperança para um

¹¹⁷ Cf. DUNN, J. D. G. Op. cit., p. 203-207.

¹¹⁸ Para maiores informações sobre a compreensão do Espírito Santo e a Esperança em Paulo, consultar a seguinte obra já citada anteriormente: DUNN, J. D. G. Op. cit., p. 472-502.

futuro que *já* irrompeu no Cristo ressuscitado, mas que para nós *ainda não* é vislumbrado totalmente. Vivemos, então, pelo Espírito da promessa, ansiando a libertação definitiva. Este processo pode ser confirmado pelo evento da encarnação de Cristo que será retratado na Epístola aos Filipenses.

2.2.3.3.

A esperança em Filipenses

Na teologia paulina, para que tal evento ocorra, evidencia-se o fato de que o próprio Cristo, o Filho, assume em seu ser toda a limitariedade humana, condição necessária para a nossa salvação. Em Cristo, *Divino-Humano*, nossa esperança se confirma e, a plenitude deste sinal salvífico é marcada pelo evento da cruz e da ressurreição. Isto aparece mais claramente no hino a seguir, que como afirma a exegese atual não era de Paulo, mas da comunidade cristã primitiva, porém foi por Paulo utilizado e interpretado¹¹⁹:

Ele, estando na forma de Deus
 não usou de seu direito de ser tratado como um deus
 mas se despojou,
 tomando a forma de um escravo.
 Tornando-se semelhante aos homens
 e reconhecido em seu aspecto como um homem
 abaixou-se,
 tornando-se obediente até a morte,
 à morte sobre uma cruz.
 Por isso Deus soberanamente o elevou
 e lhe conferiu o nome que está acima de todo o nome,
 a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre
 nos céus, sobre a terra e sob a terra,
 e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo
 para a glória de Deus Pai (Fl 2,6-11).

¹¹⁹ Como já afirmamos acima este hino pertencia ao cristianismo antigo, mas foi utilizado e interpretado por Paulo na sua Epístola aos Filipenses. Algumas de suas conotações aparecem também em outros hinos antigos, citados por ele em outras cartas, como por exemplo, em Cl 1,15-20; 1Tm 3,16; 2Tm 2,11-13. Este hino foi interpretado tradicionalmente em função do esquema divino descendente-ascendente da divindade, segundo o qual a *kénosis* de Cristo era a entrega de sua glória (*doxa*) divina a fim de viver a vida humana e, conseqüentemente, sofrer. Sua estrutura se baseia no esquema bíblico da humilhação para depois receber a exaltação, pela qual a pessoa justa que sofre é recompensada por Deus. Jesus como o segundo Adão (cf. 1Cor 15,45) é contrastado com o primeiro Adão (cf. Gn 3,4-5). Cf. nota “f” de Fl 2,5. In: *Bíblia de Jerusalém*, p. 2049. Este assunto, a *kénosis*, não é objeto de nossa pesquisa, portanto não será por demais aprofundado, porém, indicaremos a seguir alguma bibliografia que dispomos e que trata sobre o tema: DUNN, J. D. G. Op. cit., 331-339. Cf. tb. KESSLER, H. Op. cit., p. 386-387. Cf. tb. WIEDERKEHR, D. Cruz/sofrimento. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 144-148. Cf. tb. VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001.

Este hino cristão da Igreja primitiva é a profissão de fé essencial do cristianismo. Trata de Cristo e de sua *kénosis*, onde Deus, em Cristo, esvazia-se de si mesmo por amor a nós e para a nossa salvação. O que caracteriza aqui a nossa esperança é o fato da *disposição primeira* de Deus em nosso favor. Ele vem como *um amor gratuito*, tornando-se semelhante a nós para nos deixar de modo semelhante a Ele. Nesse ponto a nossa esperança se confirma na *certeza da fé*, demonstrada por Paulo neste hino cristão quando reflete a pré-existência do Filho. Agora o eterno se fez história a ponto de eternizá-la. Deste modo, somos marcados-as na nossa humanidade pela divindade de Cristo. E isto, seguramente, irrompe para a eternidade.

Da fé pascal na exaltação da humanidade repleta de Deus de Jesus para a glória igual à de Deus passou-se, pois, para a confissão da encarnação do Filho eterno de Deus, que sempre está ao lado (à direita) do Pai (Fl 2,6-8; Jo 1,14.18) e que na Páscoa tornou-se também segundo sua humanidade aquilo que sempre é segundo sua divindade, de modo que a humanidade não tem um significado apenas temporário, e sim permanente (Deus quer ter o ser humano eternamente junto a si)¹²⁰.

A nossa esperança se fundamenta na divindade e humanidade de Cristo; uma humanidade assumida não de modo temporário, mas permanente, conforme texto acima. Agora, tudo aquilo que era distante se tornou próximo, o que era futuro se tornou presente. Rompeu-se o véu do Templo (cf. Mt 27,51) e a eternidade, por meio de Cristo, marcou a história, a ponto de assumi-la e transformá-la.

O hino acima demonstra também o caráter da missão de Jesus (cf. Lc 4,18-19), que aparecerá mais especificamente nas suas pregações como conteúdo da Boa Nova. Esta missão já nasce do interior divino, pois Ele que estava na forma (*morphe*) de um deus assume a forma (*morphe*) de um servo, semelhante aos homens e mulheres, sendo reconhecido como tal. Isto foi demonstrado em sua vida como uma atitude de *amor-serviço*. Cristo realiza na sua missão o verdadeiro desafio humano, assume o desejo do Pai por amor, sendo fiel até a morte, “à morte sobre uma cruz”. Por isso, Deus o elevou, dando-lhe um nome acima de qualquer outro. Desta maneira, a nossa esperança *confirmada na certeza da fé e fundamentada no Cristo Divino-Humano* terá o seu *repouso seguro*. Porque esta

¹²⁰ KESSLER, H. Op. cit., p. 387.

elevação de Jesus Cristo atinge também a nós, que pela humanidade do Filho fomos com Ele elevados-as. Agora de criaturas fomos transformados-as em filhos-as, *filhos-as de Deus*.

2.3.

Reflexões conclusivas

No início de nosso trabalho propomos por fundamentar e refletir neste capítulo sobre *a esperança cristã*. Primeiro num conceito geral, passando por alguns conceitos filosóficos até chegarmos enfim ao conceito teológico de esperança cristã, que era o nosso principal objetivo aqui. Ao depararmos com este ponto, tratamos por defini-la, fundamentando o seu conteúdo a partir do AT e, posteriormente no NT, acompanhados das definições teológicas que cada momento nos proporcionou. Uma vez que, o eixo principal de nossa pesquisa é a esperança cristã, acreditamos que estabelecemos nesta parte pontos concretos para o nosso trabalho. Resta-nos agora aprofundar esta temática a partir da reflexão de um grande autor, neste caso, Jürgen MOLTSMANN.

Com efeito, após termos evidenciado detalhadamente neste capítulo vários aspectos desta temática, concluímos que, ela é algo que supera em muito aquilo que se define categoricamente como *o ato de esperar*. Refere-se a uma *espera confiante*, mas que ao mesmo tempo sente a necessidade de se ver *perseverante* diante dos conflitos da vida. Também não é uma espera passiva, mas incisiva pelo futuro prometido, pois demonstra a cada instante a sua tensão escatológica.

Assim sendo, apresentamos a seguir breves reflexões de caráter conclusivo do que nos foi acrescentado neste capítulo:

- 1) O ser humano procura na esperança razões para o seu futuro. Nesta hora ele percebe que é um ser totalmente aberto ao futuro, num horizonte ilimitado de possibilidades, capaz de envolvê-lo e aos seus-uas. Esta tensão que ele-a carrega resulta de sua abertura ao transcendente, na qual o Absoluto é buscado incansavelmente, no mesmo instante em que se vê fixado na realidade. Assim, sentimos uma expectativa superior em relação à própria vida. Experimentamos

sensações que prefiguram algo *novo*, ainda não buscado totalmente, que embora *ainda não* contemplado *já* preconize um eterno presente.

- 2) Em termos gerais esperança significa esperar, uma espera aberta. Abrange uma tendência para um bem futuro e possível, mas também incerto. Pode ser até um impulso. Para o pensamento grego esperança, *elpis*, poderia ser o aguardo de um acontecimento alegre ou triste, feliz ou infeliz. Somente com a cultura judaico-cristã esta esperança começou a apresentar a certeza de um futuro certo e feliz, pois se alicerçava nas promessas de Deus. Aqui se difere o simples ato de esperar (*spes qua*) da esperança que se fundamenta em Deus (*spes quae*). Isto se reflete na filosofia moderna, onde a esperança secular alimenta várias expressões de utopia e messianismo. Ernst Bloch propõe uma esperança na qual a idéia de Reino de Deus seja aplicada na transformação deste mundo. Sobre alguns destes pontos é que se depara MOLTANN ao refletir sobre a esperança.
- 3) A esperança cristã, por sua vez, baseia-se em Cristo como *futuro* e *realização* das promessas (*promissio*) de Deus. Para isso, ela resgata conteúdos pertinentes do AT e aplica à revelação recebida no NT. Em hebraico a esperança possui vários indicativos, mas sempre direcionado para um bem, sempre com um olhar voltado ao futuro e, este futuro só se realizará no cumprimento das promessas de Javé. Ao *re-interpretar* esta esperança e aplicá-la no início do cristianismo, observamos que, algumas destas variantes são *re-afirmadas*, como por exemplo: *esperar*, *confiar* e *perseverar*. Mas, mesmo assim, notamos uma alteração pelo fato de agora as promessas terem sido realizadas em Cristo; nossa esperança possui uma identidade, o que gera *confiança* e *certeza*. No entanto, ainda vivemos de *perseverança*, a espera deste *kairós* capaz de trazer o futuro para o presente e, com isso, transformar e eternizar a história. A base disso é que a certeza da nossa salvação segundo o NT é alicerçada pela fé na ressurreição.

- 4) O principal objetivo da esperança cristã é a salvação, porém ela se destina categoricamente para alguns objetos concretos: o Reino de Deus; a vinda de Cristo, que também chamamos de parusia; a ressurreição; a vida eterna; a herança; aquilo que nenhum olho viu; a participação na glória de Cristo e como recompensa todos os bens da Boa Nova, céu. No momento que refletimos sobre a esperança cristã na teologia de Paulo foi possível notar que para ele esta esperança passou por alguns estágios em decorrência da sua experiência do Espírito. Em sua teologia Paulo vê a esperança como um dom de Deus e a coloca ao lado da fé e da caridade, formando o que chamamos de *trilogia paulina* (crer, esperar e amar) ou as três virtudes teológicas (cf. 1Cor 13,13). Em suas cartas, Paulo caracteriza a esperança como algo que não se vê.

- 5) Paulo é considerado como o primeiro *teólogo da esperança*. Algumas das características da esperança paulina são: a invisibilidade, a certeza, uma virtude do tempo da peregrinação, está baseada sobre o fundamento da fé e está relacionada à promessa de Deus. Na reflexão que optamos por fazer de sua teologia, verificamos que em Efésios ela está fundamentada na *certeza*, pois somos “agraciados no Amado” e Cristo levará o tempo à plenitude. Já em Filipenses reflete sobre a *kénosis*: o Filho aceita por amor assumir a nossa humanidade, tornando-se igual a nós. Por este fato, a nossa esperança baseia-se naquilo que foi conquistado por Cristo e, em virtude disso, somos chamados-as de *filhos-as de Deus*.

Por fim, concluímos que, o nosso estudo neste capítulo não demonstrou o todo da fundamentação e reflexão teológica que possibilita *a esperança cristã*. No entanto, como esclarecemos no início, o nosso objetivo era apenas elucidar alguns pontos de maior relevância para o nosso trabalho posterior. Mesmo assim, acreditamos ter encontrado pontos muito importantes nesta explanação e que servirão de bases futuras. Estes resultados se tornam fundamentais para o próximo passo do trabalho: *A esperança cristã em MOLTSMANN*.